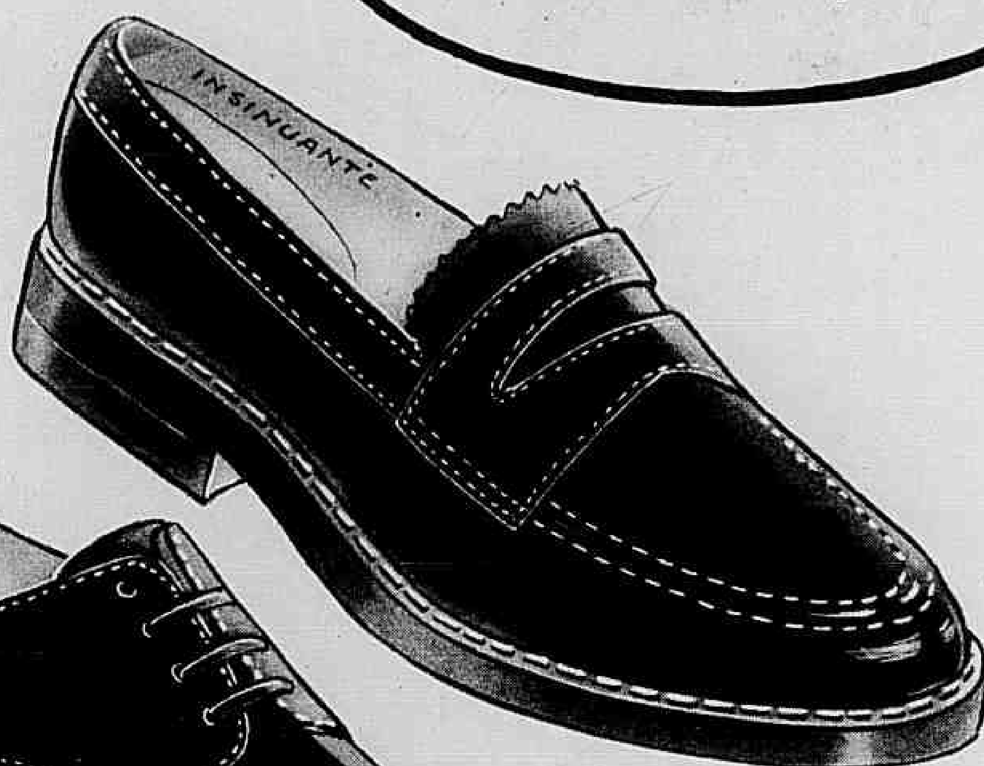

A
CENA

Bem Servir

CARACTERÍSTICA INCONFUNDÍVEL DA SAPATARIA MAIS QUERIDA DA CIDADE!

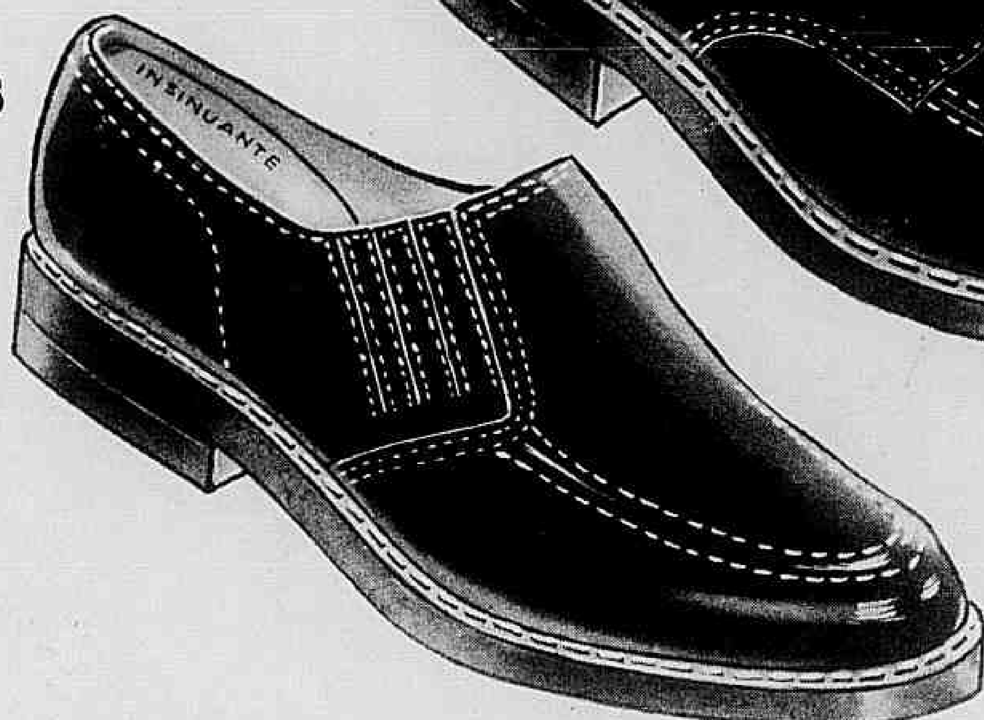
151



152



153



150 CRUZEIROS

- SALTO DE BORRACHA
- ÓTIMA VAQUETA
- TÔDAS AS CÔRES
- NUMERAÇÃO DE 36/44
- REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR CR$ 5,00
- NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO

insinuante

É a maior e melhor sapataria da América Latina e é também uma galeria a sua disposição.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Devolve a importância com o mesmo sorriso com que lhe vende

Luiz Fernandes

apresenta em

A CENA MUDA



Lua-de-mel entre os Camaiuras

As duas espôsas de José Ferrer

Convidado de honra: Paulo Wanderley

"O Craque" — filme nacional



"O guarda-roupa não faz a artista!" — diz Jane Wyman

«Querida Marlene...»

Cine-Novela: «No entardecer da vida» (conclusão)

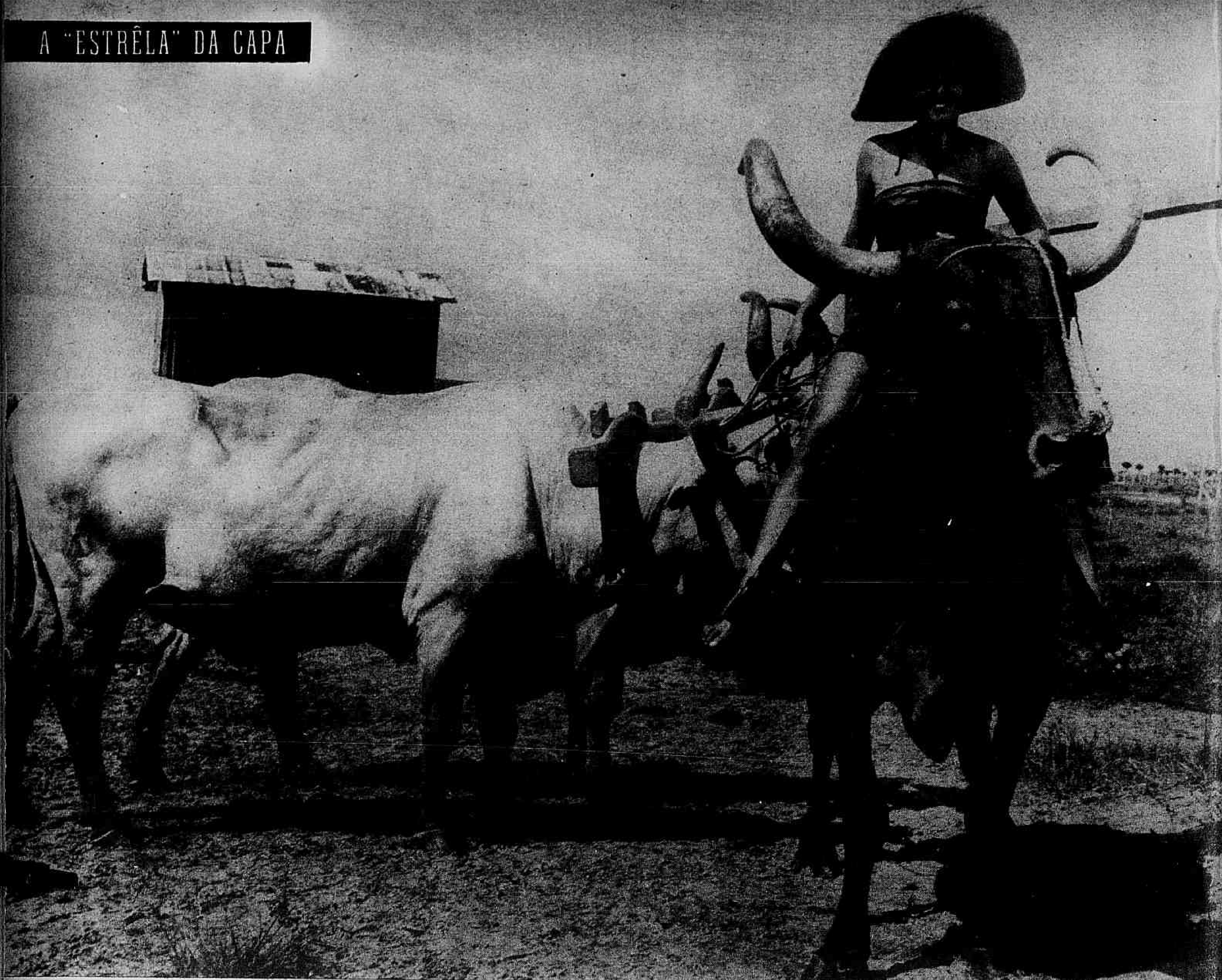


Marilyn Monroezinhas de amanhã?...

Roteiro da Noite

CENA Radiofônica

A "ESTRÊLA" DA CAPA



Em Marajó não se anda de «Cadillacs» ou «Citroens». Monique, como os outros, teve de se utilizar dêste meio de transporte, usado durante os 5 ou 6 meses da estação das chuvas.

LUA-DE-MEL ENTRE OS CAMAIURAS

Por **VERA-MARIA**

Há menos de três meses, na elegante salinha de projeção particular do presidente de uma das maiores cadeias exibidoras dos Estados Unidos, os **big-shots** da emprêsa assistiam à primeira apresentação de um filme colorido que ainda não tinha música nem fala, nem mesmo título. Até aí, nada de mais: essas projeções de «copiões editados» são muito comuns numa terra em que a aceitação ou rejeição de um filme pelos trustes exibidores dependem muito da presteza com que o produtor aceita ou deixa de aceitar «sugestões» . . .

O que houve de extraordinário foi apenas isto: o filme foi aprovado sem reservas, sem eliminação ou alteração de uma única cena, e considerado um documentário de qualidade excepcional. Só mais tarde, quando se tratou de repetir a exibição para os censores, foi que surgiu a primeira dificuldade: os representantes de cinco dos 48 Estados de que se compõe a União norte-americana proibiram a apresentação pública da película em seu território, dizendo que era indecente mostrar gente nua na tela — isto é, mostrar os índios da Amazônia tal como êles são, puros e saudáveis sob todos os pontos de vista, e despidos de roupa sòmente porque são também despidos dessa malícia mórbida que caracteriza o homem civilizado.

Meu conhecimento com Zygmunt Sulistrowski, o produtor e diretor do filme em questão, data de alguns anos atrás, quando êle chegou ao Rio trazendo no bôlso umas tantas cartas de apresentação, na bôlsa alguns milhares de dólares, na mala um contrato que assinara com a Pic Films de New York, e na cabeça uma série de planos relativos ao aproveitamento de cenários e costumes brasileiros num colorido de longa metragem. Polonês de nas-

cimento, usando (mas não ostentando) um anel de brazão pelo qual se vê que êle tem direito ao título de conde, Zygmunt fugiu de sua terra ao vê-la dividida, como um queijo precioso, entre os ratos de Hitler e os ratos de Stalin. Foi para a Inglaterra, alistou-se nos famosos Comandos britânicos, tomou parte em várias incursões de sabotagem nas costas do Mediterrâneo e do Mar do Norte, e por fim, na Hora H do Dia D, saltou sôbre a França naquela primeira leva de pára-quedistas que abriu caminho para as tropas aliadas.

Terminada a guerra, diplomou-se no Instituto de Altos Estudos Cinematográficos de Paris (que naquele tempo ainda não se desmoralizara e tinha, entre seus professôres, o nosso Alberto Cavalcânti) e tomou parte na filmagem de várias produções francesas, dinamarquesas e inglêsas — inclusive a famosa «Sapatinhos Vermelhos», cujos letreiros de apresentação traziam seu nome como Diretor Assistente.

Zygmunt me declarou que as histórias fascinantes que ouvira sôbre o Brasil e os brasileiros é que lhe haviam aberto os olhos para as tremendas possibilidades que a nossa terra oferece a um produtor «capaz de enxergar um palmo adiante do nariz». Dono de uma energia e fôrça de vontade a tôda a prova, Zygmunt assim que chegou ao Brasil começou a tomar providências para a produção de um filme semi-documentário, colorido, de longa metragem, que consistiria numa expedição às selvas do Amazonas e Mato Grosso. Dos planos passou logo à realização da película que seria feita em base de co-produção com a Pic Filmes, de New York, e um grupo de capitalistas brasileiros. E lançou mão à obra, trabalhando num ritmo tão violento que não dormia mais do que três ou quatro horas por dia. Entre idas e New York e Hollywood (oito ao todo) e voltas ao Rio, entre os preparativos de tôda sorte que lhe exigiram dois meses de atividade incessante, ainda encontrou meios de tirar um dia de folga — um dia inteiro, imaginem! — para se casar com uma brasileirinha encantadora, filha de franceses, chamada Monique Jaubert. Claro que ficou desde logo resolvido que Monique iria também, juntamente com outra moça, a paulista e loura Andrea Byard, sendo os outros membros da expedição, Osório Batista de Lima, Roland Nielsen, Jeff Mitchell e Ary Blaustein.

Pedi a Monique que me desse suas impressões de uma lua-de-mel num meio tão selvagem. O pior, a seu ver, era a falta absoluta de confôrto, das coisas mais elementares a que nos habituamos com a civilização, tais como ter água limpa para beber e se refrescar, após jornadas estafantes sob o sol inclemente. Em geral banhavam-se perto de cachoeiras, pois as águas agitadas excluem o risco de crocodilos e piranhas. Assim mesmo, mais de uma vez ela teve contato direto com cobras enormes. Mas Monique possui, como o marido, espírito forte e aventureiro e tudo isso aceitava como parte da tarefa a que se haviam proposto.

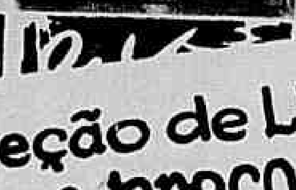
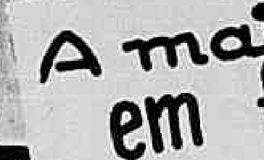
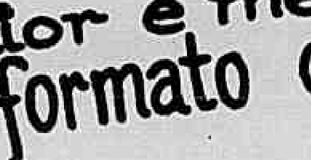
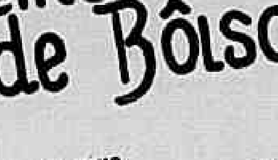
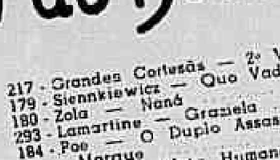
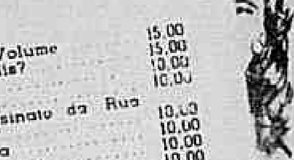
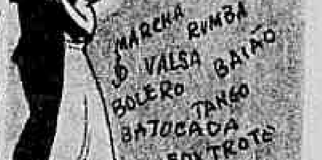
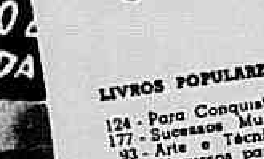
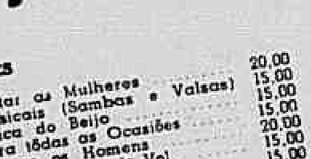
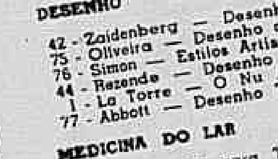
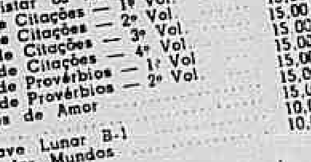
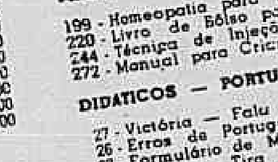
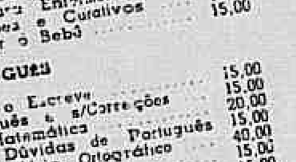
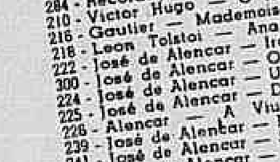
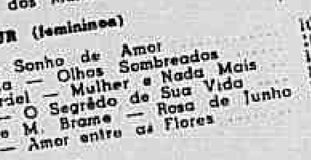
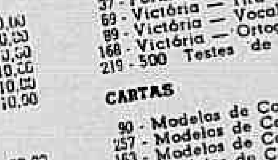
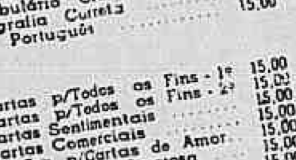
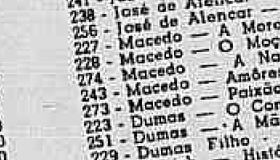
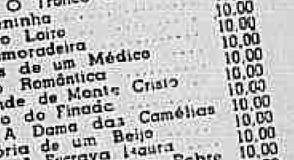
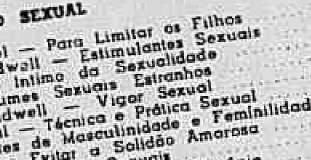
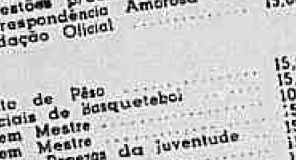
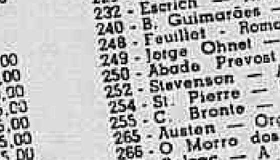
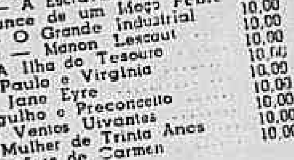
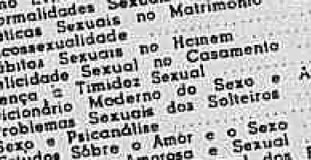
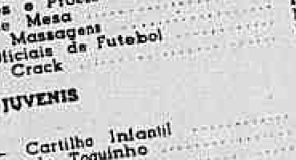
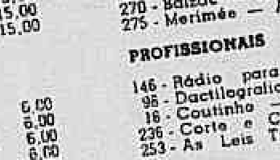
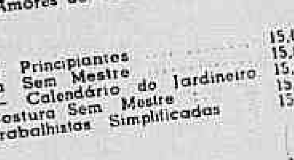
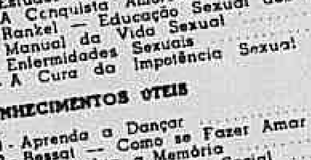
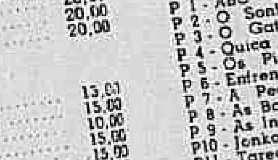
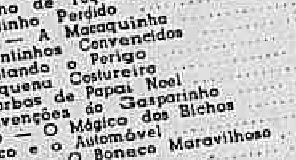
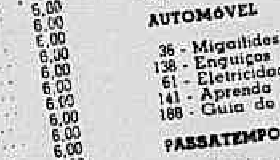
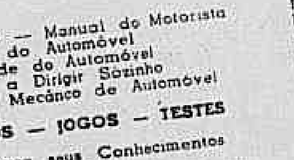
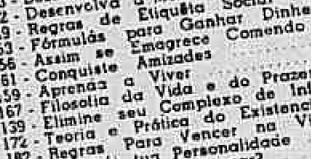
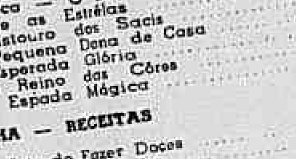
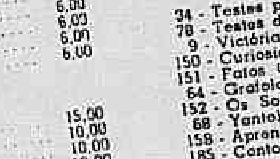
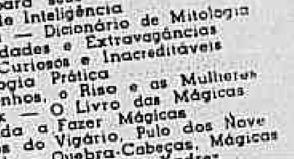
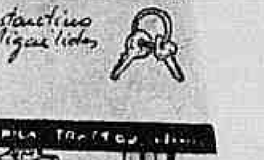
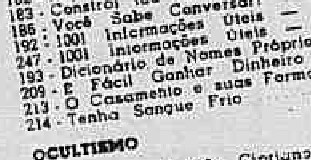
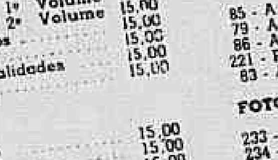
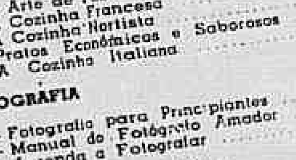
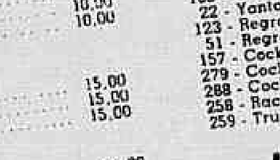
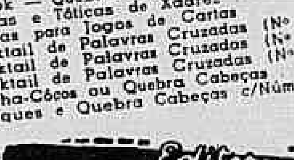
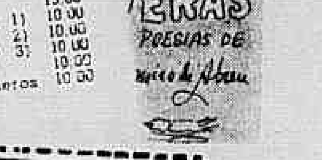
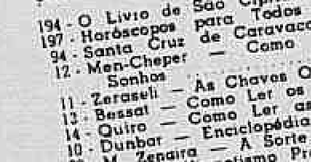
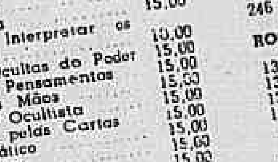
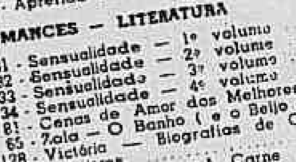
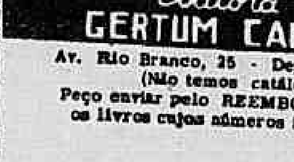
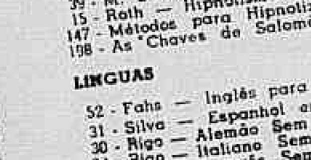
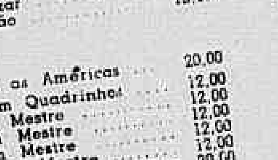
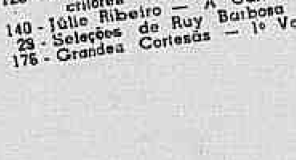
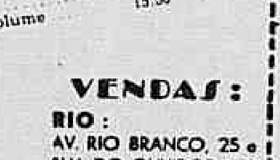
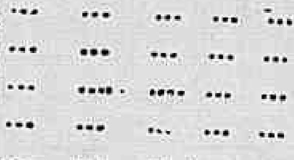
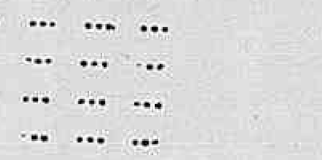
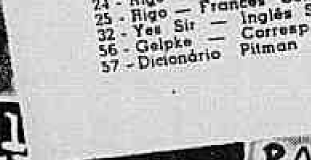
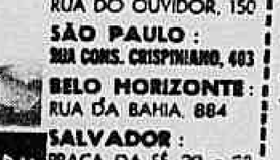
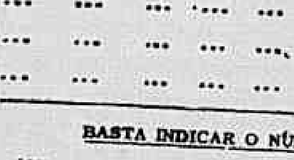
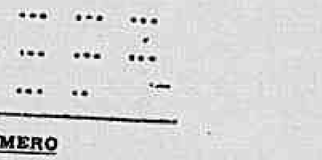
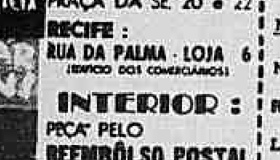
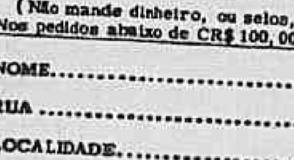
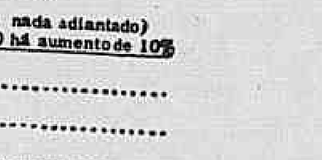
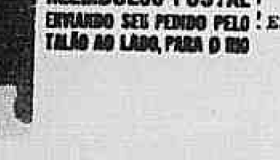
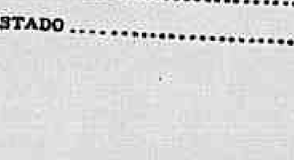
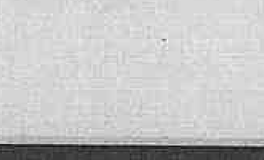
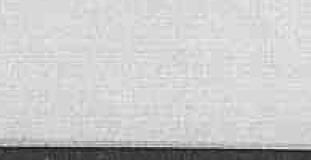
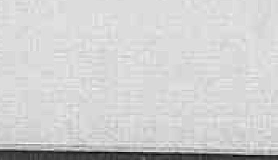
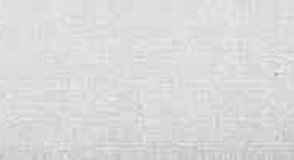
Hoje em dia, dá graças a Deus por terem todos escapados ilesos, e pelo sucesso absoluto da expedição, que resultou num filme de rara beleza e interêsse universal. Não se arrepende de coisa alguma, e chega mesmo a aconselhar aos futuros casais uma lua-de-mel diferente como a sua. Poderá ser entre os camaiuras ou entre os kalapalos. Tanto faz . . .



Em meio dos bravos vaqueiros da ilha de Marajó que ajudaram a caçar vivos os crocodilos. Monique sorri calmamente, apoiando os pés sôbre um dos ferozes animais.



Em plena lua de mel no Amazonas, Monique e Zygmunt celebram a passagem do Equador à sua maneira.



A maior e melhor "Seleção de Livros do Brasil" em formato de Bôlso e preço de BOLSINHO

LIVROS POPULARES

124 - Para Conquistar as Mulheres ... 20,00
177 - Sucessos Musicais (Sambas e Valsas) ... 15,00
93 - Arte e Técnica do Beijo ... 15,00
122 - Discursos para tôdas as Ocasiões ... 15,00
136 - Para Conquistar os Homens ... 20,00
80 - Dicionário de Citações — 1º Vol. ... 15,00
144 - Dicionário de Citações — 2º Vol. ... 15,00
189 - Dicionário de Citações — 3º Vol. ... 15,00
196 - Dicionário de Citações — 4º Vol. ... 15,00
88 - Dicionário de Provérbios — 1º Vol ... 15,00
8 - Dicionário de Provérbios — 2º Vol. ... 15,00
165 - Declarações de Amor ... 15,00
169 - Anedotas ... 15,00
99 - A Astronave Lunar B-1 ... 10,00
104 - O Duelo dos Mundos ... 10,00

AMOUR-AMOUR (femininos)

F1 - Delly — Sonho de Amor ... 10,00
F2 - W. Bonta — Olhos Sombreados ... 10,00
F3 - Henri Ardel — Mulher e Nada Mais ... 10,00
F4 - Brame — O Segrêdo de Sua Vida ... 10,00
F5 - Charlotte M. Brame — Rosa de Junho ... 10,00
F6 - Brame — Amor entre as Flores ... 10,00

EDUCAÇÃO SEXUAL

87 - Rankel — Para Limitar os Filhos ... 20,00
57 - Cauldwell — Estimulantes Sexuais ... 15,00
5 - Guia Intimo da Sexualidade ... 15,00
4 - Costumes Sexuais Estranhos ... 15,00
6 - Cauldwell — Vigor Sexual ... 20,00
2 - Havil — Técnica e Prática Sexual ... 20,00
164 - Testes de Masculinidade e Feminilidade ... 15,00
18 - Como Evitar a Solidão Amorosa ... 15,00
95 - Anormalidades Sexuais ... 20,00
125 - Práticas Sexuais no Matrimônio ... 20,00
126 - Psicossexualidade ... 20,00
127 - Hábitos Sexuais no Homem ... 20,00
3 - Felicidade Sexual no Casamento ... 15,00
145 - Vença a Timidez Sexual ... 20,00
7 - Dicionário Moderno do Sexo e Amor ... 15,00
66 - Problemas Sexuais dos Solteiros ... 15,00
130 - Sexo e Psicanálise ... 20,00
91 - Estudos Sôbre o Amor e o Sexo ... 15,00
92 - A Conquista Amorosa e Sexual ... 15,00
166 - Rankel — Educação Sexual dos Filhos ... 20,00
174 - Manual da Vida Sexual ... 20,00
160 - Enfermidades Sexuais ... 20,00
191 - A Cura da Impotência Sexual ... 20,00

CONHECIMENTOS ÚTEIS

170 - Aprenda a Dançar ... 15,00
23 - Bessat — Como se Fazer Amar ... 15,00
82 - Desenvolva a Memória ... 10,00
149 - Regras de Etiquêta Social ... 15,00
153 - Fórmulas para Ganhar Dinheiro ... 15,00
156 - Assim se Emagrece Comendo ... 15,00
161 - Conquiste Amizades ... 15,00
159 - Aprenda a Viver ... 15,00
167 - Filosofia da Vida e do Prazer ... 15,00
139 - Elimine seu Complexo de Inferioridade ... 20,00
172 - Teoria e Prática do Existencialismo ... 15,00
182 - Regras Para Vencer na Vida ... 15,00
183 - Constrói tua Personalidade ... 15,00
186 - Você Sabe Conversar? ... 15,00
192 - 1001 Informações Úteis — 1º Volume ... 15,00
247 - 1001 Informações Úteis — 2º Volume ... 15,00
193 - Dicionário de Nomes Próprios ... 15,00
209 - É Fácil Ganhar Dinheiro ... 15,00
213 - O Casamento e suas Formalidades ... 15,00
214 - Tenha Sangue Frio ... 15,00

OCULTISMO

194 - O Livro de São Cipriano ... 15,00
197 - Horóscopos para Todos ... 15,00
94 - Santa Cruz de Caravaca ... 15,00
12 - Men-Cheper — Como Interpretar os Sonhos ... 10,00
11 - Zeraseli — As Chaves Ocultas do Poder ... 15,00
13 - Bessat — Como Ler os Pensamentos ... 15,00
14 - Quiro — Como Ler as Mãos ... 15,00
10 - Dunbar — Enciclopédia Ocultista ... 15,00
39 - M. Zenaira — A Sorte pelas Cartas ... 15,00
15 - Roth — Hipnotismo Prático ... 15,00
147 - Métodos para Hipnotizar ... 15,00
198 - As Chaves de Salomão

LINGUAS

52 - Fahs — Inglês para as Américas ... 20,00
31 - Silva — Espanhol em Quadrinhos ... 12,00
30 - Rigo — Alemão Sem Mestre ... 12,00
24 - Rigo — Italiano Sem Mestre ... 12,00
25 - Rigo — Francês Sem Mestre ... 12,00
32 - Yes Sir — Inglês Sem Mestre ... 12,00
56 - Gelpke — Corresp. Comercial Inglêsa ... 20,00
57 - Dicionário Pitman — Inglês-Português ... 25,00

DESENHO

42 - Zaidenberg — Desenhar Mulheres ... 30,00
75 - Oliveira — Desenho a Bico de Pena ... 30,00
76 - Simon — Estilos Artísticos ... 30,00
44 - Rezende — Desenho de Letras ... 30,00
1 - La Torre — O Nu Através da Arte ... 20,00
77 - Abbott — Desenho Técnico ... 60,00

MEDICINA DO LAR

199 - Homeopatia para Todos ... 15,00
220 - Livro de Bôlso para Enfermeiras ... 15,00
244 - Técnica de Injeções e Curativos ... 15,00
272 - Manual para Criar o Bebê ... 15,00

DIDATICOS — PORTUGUÊS

27 - Victória — Fala e Escreve ... 15,00
26 - Erros de Português e s/Correções ... 15,00
37 - Formulário de Matemática ... 20,00
69 - Victória — Tira Dúvidas de Português ... 15,00
89 - Victória — Vocabulário Ortográfico ... 40,00
168 - Victória — Ortografia Correta ... 15,00
219 - 500 Testes de Português ... 15,00

CARTAS

90 - Modelos de Cartas p/Todos os Fins - 1º ... 15,00
257 - Modelos de Cartas p/Todos os Fins - 2º ... 15,00
163 - Modelos de Cartas Sentimentais ... 15,00
143 - Modelos de Cartas Comerciais ... 15,00
20 - Macedo - Sugestões p/Cartas de Amor ... 15,00
21 - Macedo - Correspondência Amorosa ... 15,00
237 - Guia de Redação Oficial

ESPORTES

212 - Levantamento de Pêso ... 15,00
211 - Regras Oficiais de Basquetebol ... 15,00
135 - Natação Sem Mestre ... 10,00
129 - Jiu-Jitsu Sem Mestre ... 15,00
137 - Habilidades e Proezas da Juventude ... 15,00
173 - Futebol de Mesa ... 15,00
187 - Guia de Massagens ... 15,00
190 - Regras Oficiais de Futebol ... 15,00
260 - Guia do Crack ... 15,00

INFANTIS E JUVENIS

P 1 - ABC — Cartilha Infantil ... 6,00
P 2 - O Sonho de Toquinho ... 6,00
P 3 - O Gatinho Perdido ... 6,00
P 4 - Quica — A Macaquinha ... 6,00
P 5 - Os Pintinhos Convencidos ... 6,00
P 6 - Enfrentando o Perigo ... 6,00
P 7 - A Pequena Costureira ... 6,00
P 8 - As Barbas de Papai Noel ... 6,00
P 9 - As Invenções do Gasparinho ... 6,00
P10 - Jonko — O Mágico dos Bichos ... 6,00
P11 - Tareco e o Automóvel ... 6,00
P12 - Pipoca — O Boneco Maravilhoso ... 6,00
P13 - Entre as Estrêlas ... 6,00
P14 - O Estouro dos Sacis ... 6,00
P15 - A Pequena Dona de Casa ... 6,00
P16 - Inesperada Glória
P17 - No Reino das Côres
P18 - A Espada Mágica

COZINHA — RECEITAS

85 - A Arte de Fazer Doces ... 15,00
79 - A Cozinha Francesa ... 10,00
86 - A Cozinha Nortista ... 10,00
221 - Pratos Econômicos e Saborosos ... 10,00
83 - A Cozinha Italiana ... 10,00

FOTOGRAFIA

233 - Fotografia para Principiantes ... 15,00
234 - Manual do Fotógrafo Amador ... 15,00
246 - Aprenda a Fotografar ... 15,00

ROMANCES — LITERATURA

131 - Sensualidade — 1º volume ... 20,00
132 - Sensualidade — 2º volume ... 20,00
133 - Sensualidade — 3º volume ... 20,00
134 - Sensualidade — 4º volume ... 20,00
81 - Cenas de Amor dos Melhores Romances ... 10,00
65 - Zola — O Banho (e o Beijo de Tchekoi) ... 15,00
128 - Victória — Biografias de Grandes Escritores ... 15,00
140 - Júlio Ribeiro — A Carne ... 25,00
29 - Seleções de Ruy Barbosa ... 15,00
176 - Grandes Cortesãs — 1º Volume ... 15,00
217 - Grandes Cortesãs — 2º Volume ... 15,00
179 - Siennkiewicz — Quo Vadis? ... 15,00
180 - Zola — Naná ... 10,00
293 - Lamartine — Graziela ... 10,00
184 - Poe — O Duplo Assassinato da Rua Morgue ... 10,00
215 - Zola — A Bêsta Humana ... 10,00
261 - Zola — Germinal ... 10,00
269 - Zola — Tereza Raquin ... 10,00
208 - Zola — A Taberna ... 10,00
181 - O. Wilde — O Retrato de Dorian Gray ... 15,00
195 - Flaubert — Madame Bovary ... 10,00
206 - As Amantes do Imperador ... 10,00
207 - Dostoiewski — Crime e Castigo ... 10,00
245 - Dostoiewski — O Jogador ... 10,50
284 - Recordações da Casa dos Mortos ... 10,00
210 - Victor Hugo — O Homem que Ri ... 10,00
216 - Gautier — Mademoiselle de Maupin ... 10,00
218 - Leon Tolstoi — Ana Karenina ... 10,00
222 - José de Alencar — Iracema ... 10,00
300 - José de Alencar — O Guarany ... 10,00
224 - José de Alencar — Ubirajara ... 10,00
225 - José de Alencar — Diva ... 10,00
226 - Alencar — A Viuvinha ... 10,00
239 - José de Alencar — Luciola ... 10,00
241 - José de Alencar — Senhora ... 10,00
238 - José de Alencar — A Pata da Gazela ... 10,00
256 - José de Alencar — O Tronco do Ipê ... 10,00
227 - Macedo — A Moreninha ... 10,00
228 - Macedo — O Moço Loiro ... 10,00
274 - Macedo — A Namoradeira ... 10,00
243 - Macedo — Amôres de um Médico ... 10,00
273 - Macedo — Paixão Romântica ... 10,00
223 - Dumas — O Conde de Monte Cristo ... 10,00
251 - Dumas — A Mão do Finado ... 10,00
229 - Dumas Filho — A Dama das Camélias ... 10,00
232 - Escrich — História de um Beijo ... 10,00
240 - B. Guimarães — A Escrava Isaura ... 10,00
248 - Feuillet - Romance de um Moço Pobre ... 10,00
249 - Jorge Ohnet — O Grande Industrial ... 10,00
250 - Abade Prevost — Manon Lescaut ... 10,00
252 - Stevenson — A Ilha do Tesouro ... 10,00
254 - St. Pierre — Paulo e Virgínia ... 10,00
255 - C. Bronte — Jane Eyre ... 10,00
265 - Austen — Orgulho e Preconceito ... 10,00
266 - O Morro dos Ventos Uivantes ... 10,00
270 - Balzac — A Mulher de Trinta Anos ... 10,00
275 - Merimée — Amôres de Carmen ... 10,00

PROFISSIONAIS

146 - Rádio para Principiantes ... 15,00
96 - Dactilografia Sem Mestre ... 15,00
16 - Coutinho — Calendário do Jardineiro ... 15,00
236 - Corte e Costura Sem Mestre ... 15,00
253 - As Leis Trabalhistas Simplificadas ... 15,00

AUTOMÓVEL

36 - Migalides — Manual do Motorista ... 15,00
138 - Enguiços do Automóvel ... 15,00
61 - Eletricidade do Automóvel ... 15,00
141 - Aprenda a Dirigir Sòzinho ... 15,00
188 - Guia do Mecânico de Automóvel ... 15,00

PASSATEMPOS — JOGOS — TESTES

34 - Testes para seus Conhecimentos ... 15,00
78 - Testes de Inteligência ... 10,00
9 - Victória — Dicionário de Mitologia ... 15,00
150 - Curiosidades e Extravagâncias ... 15,00
151 - Fatos Curiosos e Inacreditáveis ... 15,00
64 - Grafologia Prática ... 15,00
152 - Os Sonhos, o Riso e as Mulheres ... 10,00
68 - Yantok — O Livro das Mágicas ... 10,00
158 - Aprenda a Fazer Mágicas ... 15,00
185 - Contos do Vigário, Pulo dos Nove ... 15,00
22 - Yantok — Quebra-Cabeças, Mágicas ... 15,00
123 - Regras e Táticas de Xadrez ... 15,00
51 - Regras para Jogos de Cartas ... 15,00
157 - Cocktail de Palavras Cruzadas (Nº 1) ... 10,00
279 - Cocktail de Palavras Cruzadas (Nº 2) ... 10,00
288 - Cocktail de Palavras Cruzadas (Nº 3) ... 10,00
258 - Racha-Côcos ou Quebra Cabeças ... 10,00
259 - Truques e Quebra Cabeças c/Números ... 10,00

VENDAS:

RIO:
AV. RIO BRANCO, 25 e
RUA DO OUVIDOR, 150

SÃO PAULO:
RUA CONS. CRISPINIANO, 483

BELO HORIZONTE:
RUA DA BAHIA, 884

SALVADOR:
PRAÇA DA SÉ, 20 e 22

RECIFE:
RUA DA PALMA - LOJA 6
(EDIFÍCIO DOS COMERCIÁRIOS)

INTERIOR:
PEÇA PELO
REEMBÔLSO POSTAL
ENVIANDO SEU PEDIDO PELO
TALÃO AO LADO, PARA O RIO

Editora
GERTUM CARNEIRO
Av. Rio Branco, 25 - Dep. 11-B - Rio
(Não temos catálogo)
Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...
... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME ....
RUA ....
LOCALIDADE ....
ESTADO ....

CONVIDADO de HONRA

O AVENTUREIRO NO CINEMA BRASILEIRO

PAULO WANDERLEY

O cinema brasileiro sempre estêve à mercê dos golpes baixos dos aventureiros baratos. E nunca deixou de sentir as consequências dos golpes dos aventureiros de alto coturno.

Antes de 1920, qualquer individuo sem profissão definida que aportasse ao Brasil, era um cineasta em potencial. Não pretendo citar nomes. Até porque alguns dêsses homens se regeneraram. Envolvidos pela corrente sempre crescente dos entusiastas do nosso cinema, êsses raros elementos deixaram-se empolgar e acabaram integrados no heróico esfôrço desenvolvido pelos batalhadores de verdade, idealistas incorrigiveis e trabalhadores infatigáveis.

Nunca serão grandes cineastas. Mas o nosso cinema lhes deve um minimo de contribuição, que por si só justifica, folgadamente, a sua existência, a ausência de solução de continuidade na sua evolução técnica e artistica, a presença permanente da pequena chama do nosso cinema.

Os outros, os maus elementos, na sua maioria, sumiram, depois de fugazes lampejos de notoriedade. Para felicidade de todos.

Entretanto, ainda não foi possivel sanear totalmente o meio. É uma tarefa muito delicada, que ainda consumirá muitos anos, e sòmente terá êxito quando o nosso ainda incipiente movimento cinematográfico estiver organizado em bases industriais. Até lá, continuaremos a ver o desfile de cineastas inteiramente desconhecidos, de cujas atividades anteriores ninguém ouviu falar, e muito menos em seus paises de origem. E de cujas atividades atuais tudo se ignora. Êles são sempre grandes cineastas. Ainda com os pés no cais do pôrto, na estação de passageiros, já estão afirmando, com incrivel audácia, que, em matéria de cinema, está tudo errado no Brasil. As suas credenciais são apresentadas através de um palanfrório, que se caracteriza pela pretensão descabida e pelo estilo incisivo. Segundo suas próprias palavras, colaboraram em todos os grandes filmes produzidos na Europa, principalmente naqueles — rara coincidência! — que fizeram grande sucesso no Brasil. Só êles sabem como resolver os nossos problemas.

E não se diga que os brasileiros são menos prejudiciais. Pelo contrário. Muitos são ainda mais cinicos e audaciosos. Já ouvi um afirmar com grande ênfase, como grande e sensacional novidade, que na Europa — de onde acabava de chegar — o cinema estava tão adiantado, que já não se usava mais dublar os filmes: o som era gravado diretamente!

De outro — todos o conhecem e o fato se deu recentemente — ouvi declarações categóricas de que a solução dos problemas do nosso cinema nada tem de dificil. É bastante fazer filmes pelos métodos dos estúdios de Hollywood. Muito claro, não é? Fazer como os americanos. E não como os brasileiros. Bons filmes. Nada de maus filmes. Extremamente fácil, como estão vendo. Só é de admirar que os nossos produtores e diretores não se tenham lembrado disso um pouco mais cedo...

O desplante dos aventureiros que infeccionam o meio cinematográfico brasileiro não tem limites. Chega à tal ponto, que os veteranos idealistas, os novos, estudiosos e sinceros, e todos os demais bons elementos do nosso cinema são esquecidos totalmente. As oportunidades continuam a surgir para os desonestos. Na hora dos grandes movimentos em prol do nosso cinema, a arena de combate fica pejada de valores negativos. Os valores positivos são sistemàticamente alijados do caminho. Não interessa a sua colaboração. Êles podem atrapalhar as grandes negociatas, que quase sempre se escondem sob os grandes emprendimentos do nosso cinema.

Como já disse, os aventureiros, estrangeiros e brasileiros, êstes mais ainda do que aquêles, têm entravado o progresso técnico e artistico do nosso cineminha.

É urgente a criação de um órgão controlador. Um órgão que exerça uma nova modalidade de policiamento. Para afastar os maus elementos. É preciso um "flit" especial para liquidar de uma vez com todos os insetos que prejudicam o nosso cinema, sugando-lhe a seiva ainda fraca.

Chega de diretores improvisados, de diretores que antes nunca tiveram, sequer, o cuidado de assistir às filmagens nos nossos estúdios. É preciso destruir para sempre a mentalidade de que o produtor é um mero financiador, ou, pior ainda, como disse alguém, recentemente, em reunião de gente de cinema, "são homens que arranjam coisas para os filmes".

Não é mais possivel admitir, dentro do nosso cinema, a existência de individuos que vivem como milionários há dez, vinte e trinta anos, sem que se saiba como. São os parasitas do cinema brasileiro. Sempre bem trajados, bem nutridos, aparecem em tôdas as reuniões que pretendem tratar concretamente dos interêsses dos profissionais de cinema. Deitam falação, propõem votos de louvor, salvas de palmas. Nada de positivo, porém. E com isso conseguem torpedear todos os planos bem intencionados.



São produtores de filmes cuja produção, para satisfação de interêsses inconfessáveis, demora de um ano para mais. O fatro tempo, que para qualquer cinema organizado induspara mais. O fator tempo, que para êles nada representa. Ou melhor, o tempo só tem valor para êles num sentido — é que quanto mais meses decorrem, mais meses êles vivem "à custa do orçamento do filme em produção.

E assim vão vivendo, ano após ano, rindo do idealismo dos outros, divertindo-se com as necessidades dos profissionais do cinema.

Há, também, os que se escondem sob a fachada de produtores para comerciar no câmbio-negro do filme virgem. Só há uma solução para êles — cadeia.

E há, ainda, os que procuram valorizar terrenos acenando com a miragem do conhecido conto da Cidade do Cinema, como se o nosso cinema pudesse resolver todos os seus complexos problemas com a simples construção de uma cidade de tal espécie.

O projetado Instituto Nacional do Cinema devia ter entre as suas incumbências o contrôle da atividade cinematográfica brasileira, a fim de acabar com as atividades criminosas dêsses individuos.

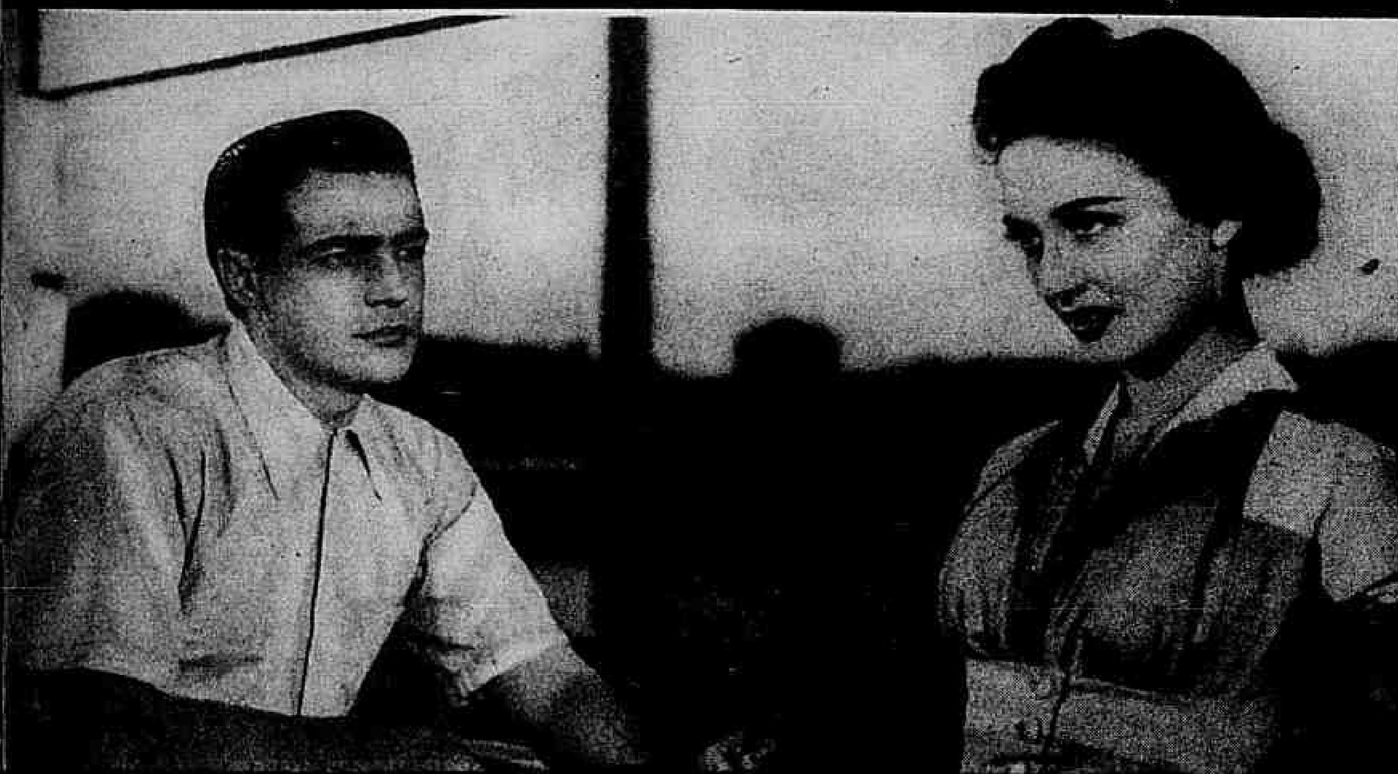
E, antes de finalizar, quero lembrar aqui uma outra espécie de exigência que poderá ficar a cargo dêsse órgão controlador — a da absoluta idoneidade dos que queiram produzir ou dirigir filmes, idoneidade que terá de ser medida sob os aspectos técnico, artistico, financeiro e moral. Só assim o nosso cinema poderá progredir. Só assim ficaremos livres dos vendedores de terrenos, dos falsos valores e do parasitismo dos intermediários.

MULTIFILMES S.A.
CARLOS ALBERTO
EVA WILMA
HERVAL ROSSANO
JOSÉ CARLOS BURLE
e
LIANA DUVAL

apresenta



O CRAQUE







"TRA

DESDE a infância, numa pequena cidade do interior, Julinho tinha uma queda para o futebol, e sonhava ser jogador famoso.

Entretanto, um dia, numa brincadeira com Elisa, filha do dono da fábrica de juta, a pedido desta, Julinho sobe a uma mangueira e cai, fraturando uma perna. Passam-se os anos; os meninos tornam-se homens, cada um enveredando por um caminho, e Julinho continua sempre a sonhar com o futebol, até que um dia, demite-se da fábrica do pai de Elisa, onde estava trabalhando, para tentar o futebol profissional em um clube da localidade.

Mas, apesar de jogar bem, Julinho sente a perna, e o técnico lamenta — para o futebol êle está acabado.

Julinho desespera-se mas Alfredão, antigo jogador, muito seu amigo, reanima-o dizendo que conhece o técnico do Corintians e que lhe arranjará uma oportunidade de treinar e de ser aproveitado: lá êle não terá mais o complexo do "Joelho de Vidro". Julinho, ao ir despedir-se de Elisa, encontra-a com Mário, o antigo companheiro de brinquedos, que acaba de se formar em medicina. Interpretando mal um gesto dela, termina por brigar com Elisa, indo para São Paulo, disposto a acabar tudo.

Em São Paulo, o técnico do Corintians interessa-se por êle. Êle joga bem, mas tem aquelas inexplicáveis fraquezas na perna. O médico do clube examina-o, verificando que êle necessita ser operado, o que poderá resultar em cura total ou impossibilidade completa para o futebol. Ju-

LEŔ

linho resolve tentar. A operação é um êxito, mas agora, Julinho tem mêdo de entrar nas jogadas.

De tudo isso se recorda Julinho, no dia de um jôgo internacional de tremenda responsabilidade, em que o meia-esquerda Carbone sofrera um ataque de apendicite aguda e o técnico, para surprêsa de todos, resolvera lançar Julinho em sua substituição. O técnico acredita que só num jôgo tão importante, Julinho, sentindo a responsabilidade que pesa sôbre seus ombros, livrar-se-á do mêdo. Enquanto isso, Elisa, que sob pressão do pai ficara noiva de Mário, ao ouvir o rádio, vem a saber que Julinho vai jogar. Êste, ao entrar em campo, é entrevistado pela rádio e diz que gostaria que estivesse ali atrás do "goal", a moça que sempre o inspirara, e que assim teria certeza de ganhar o jôgo.

Solicitado pelo locutor, diz o seu nome: Elisa.

Elisa, ao ouvir isto, sai de casa correndo e toma o carro dirigindo-se a tôda velocidade para São Paulo. Após uma série de peripécias e incidentes na estrada, Elisa chega ao Pacaembu. Julinho mancava, seu time perdia e só um milagre evitaria que êste primeiro jôgo de Julinho não fôsse o último.

Mas, como chegar até Julinho? Como falar com êle se os dois estavam brigados?...

Mas isso nós não vamos contar, pois é o desenlace inesperado que torna "O Craque" um interessante filme do moderno cinema nacional.











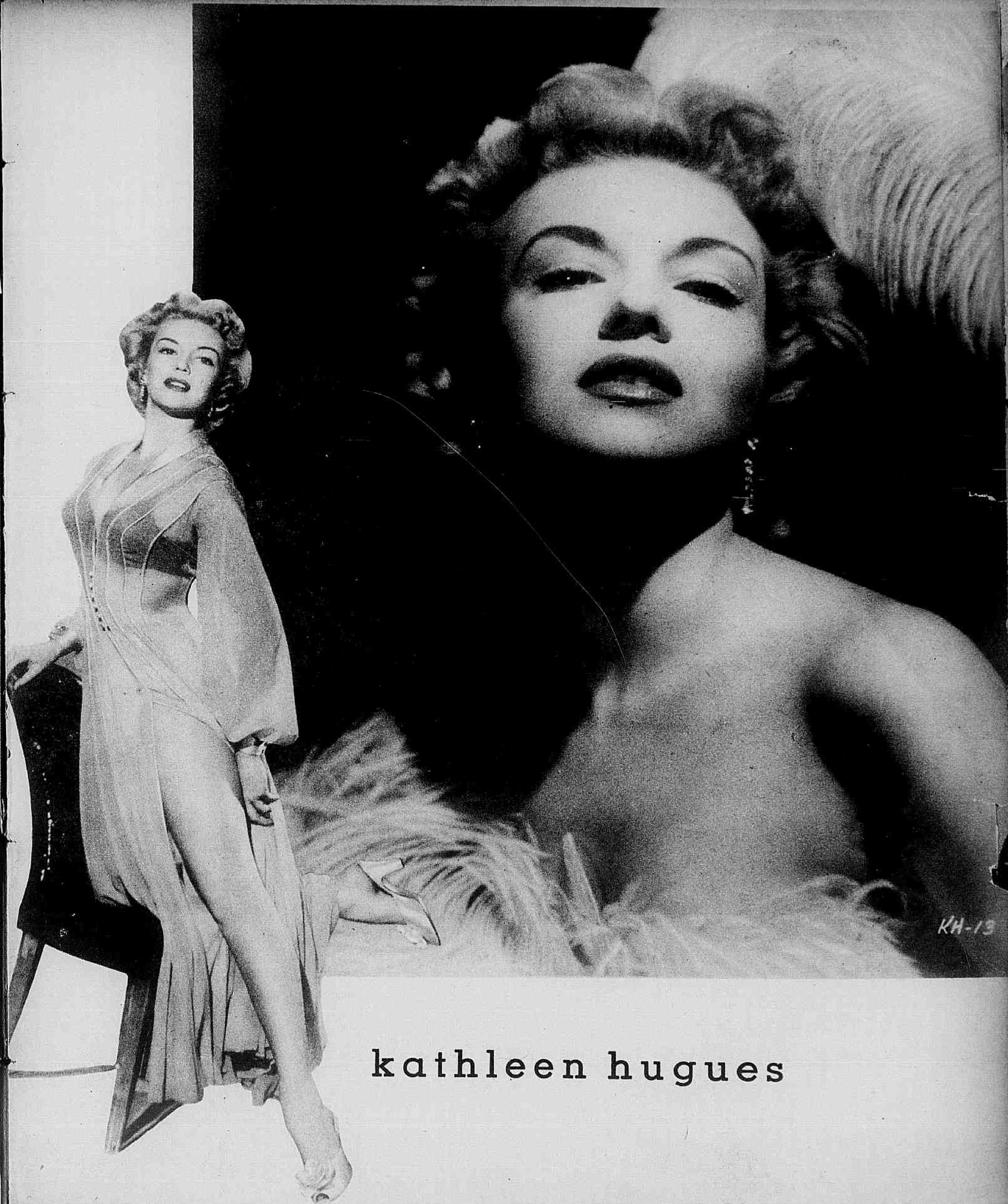
MARILYN MONROEZINHAS DE AMANHÃ?...

Com o sucesso espantosamente rápido da capitosa Marilyn Monroe, os diversos estúdios de Hollywood resolveram convocar ao trabalho os seus caçadores de talentos (? . . .), agentes fotógrafos, etc., a fim de «descobrir» novos produtos capazes de fazer frente à trêfega lourinha. De uma tonelada, talvez saísse uma outra aproveitável . . .. E afinal de contas o que é que a Marilyn tem que muita loura, morena ou ruiva da Terra do Cinema não tem?

A resposta é fácil. Audácia, meus senhores. Simplesmente audácia. Audácia de posar nua para um fotógrafo, de usar vermelho berrante como côr predileta para seu guarda-roupa, de trocar de tons de louro no cabelo como se troca de camisa (talvez até com mais freqüência . . .), de exibir mais da metade do busto em decotes aerodinâmicos, de se meter em vestidos tão apertados que sabe Deus como consegue se introduzir nêles e de se locomover balançando e nunca andando como qualquer mortal.

A desculpa apresentada por Miss Monroe relativamente àquela decantada folhinha não convence a ninguém. Se quisesse, teria encontrado muitos outros meios de matar a fome, como fazem tantas outras aspirantes ao estrelato, que enquanto esperavam a sua chance, empregavam-se como ascensoristas, garçonetes, secretárias, « extras », etc., etc. Certamente, Marily tinha uma certa pressa e não teve escrúpulos quanto aos meios para atingir o seu propósito. Por outro lado, tem seus merecimentos, pois hoje em dia não descansa sôbre a fama que conquistou, mas estuda bastante para ser algo mais que um «modêlo» para capas de revistas e filmes em technicolor, o que é louvável.

E voltando às «novas» . . . A Universal é um estúdio que as possui às dezenas. De todos os tipos. Tôdas procurando se exibir o mais possível, não ao máximo, por não constituir já novidade. Marilyn passou-lhes à frente. Valerie Jackson, Abbe Lane, Lori Nelson, Mamie Van Doren, Mari Blanchard, Kathleen Hughues, Ruth Hampton, são algumas que o estúdio anda preparando, fotografando, desnudando e ocasionalmente aproveitando em suas novas produções. Lori Nelson, de tôdas elas, parece ser a que possui mais talento, ou algum talento, tendo já estrelado um filme ao lado de Toni Curtiss, «The All-American», onde também aparece Mamie Van Doren, como verdadeira réplica a Marilyn Monroe. Muitas procuram descaradamente imitar esta no físico e nas atitudes, como essa Mamie e Kathleen Hughues. Outras, sòmente no que se refere à exibição benevolente das formas. O mito Marilyn passará, como passou o mito Betty Grable, e quando isso acontecer, talvez uma destas esteja apta a tomar-lhe o lugar. Haverá mesmo, dentre os leitores, muitos que pensem que alguma destas novinhas já esteja apta a substituir a loura da Fox. É questão de opinião . . . e gôsto. Podem virar a página, agora, e se deliciar com as beldades apresentadas a seguir.



kathleen hugues

ruth hampton

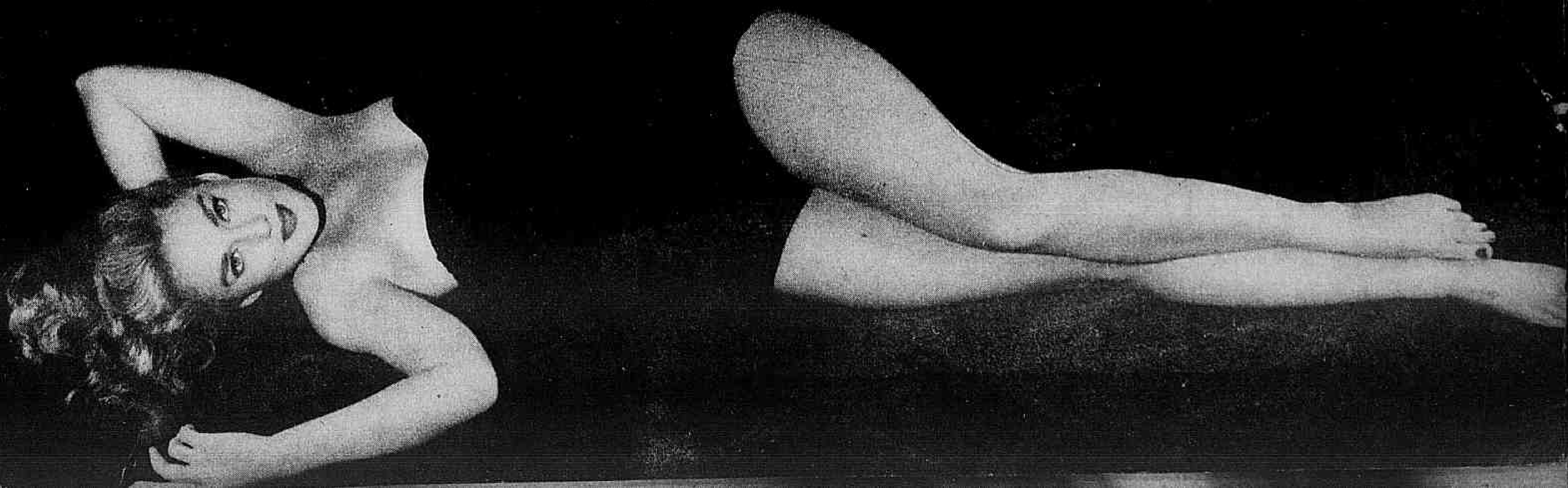




RH-P.10

valerie jackson

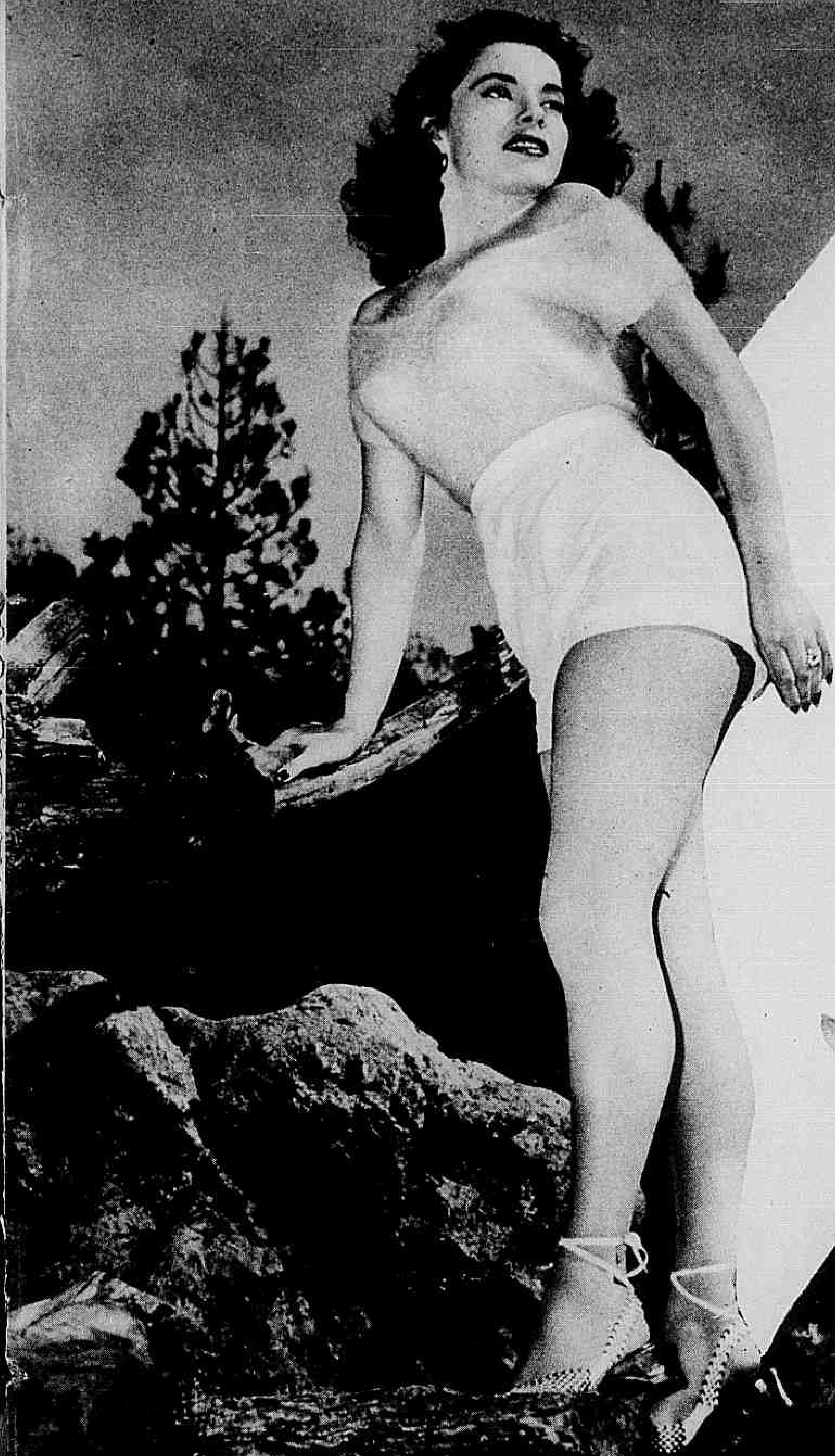






mari blanchard

abbe lane





Mamie van Doren e Tony Curtiss numa cena de «The All-American».







mamie
van doren

MVD-P.15

lori nelson

Lori Nelson e Mamie van Doren são duas das novas «estrelinhas» da Universal que já vão aparecendo com algum destaque nas novas produções daquele estúdio. Ambas aparecem juntas em «The All-American», ao lado de Tony Curtiss, sendo que Lori tem o primeiro papel feminino.







Lori «estrela» com Tony Curtiss «The All-American».

LUIZ FERNANDES

escreve:

POR FALAR EM CINEMA NACIONAL...

... grandes foram as confusões por ocasião da eleição da «Rainha do Cinema», destinada a reinar até fins de 1954. Não resta dúvida que se trata de uma vitória até certo ponto amarga, pois é de bem maior corrente que não concorda com o resultado do certame, afirmando-se que houve tramóia e da grossa. Enquanto isso, Sua Majestade Marly Sorel dá de ombros e se confessa muito satisfeita da vida, justificando sua escolha pelas «performances» que teve em «Maria da Praia», «estrelada» por Dinah Mezzomo, em «Era uma vez um Vagabundo», onde a principal intérprete era Nelly Rodrigues, e em «Está com tudo», com Mary Gonçalves na protagonista. Vanja Orico, já universalmente aclamada em «O Cangaceiro» e «Mulheres e Luzes», filme italiano, foi preterida; Dóris Monteiro, a mais sensacional descoberta do nosso cinema até hoje, idem. Mas não há de ser nada: tudo é Brasil!

★

... Jece Valadão e Rosângela Maldonado nem ao menos se falam agora. Desfeito o noivado, resolveram continuar bons amigos e o resultado foi uma reconciliação, embora a mantivessem em segrêdo. Pouco tempo depois, novo rompimento e para terminar com êsse círculo vicioso, resolveram guardar distância um do outro. Jece confessa-se muito satisfeito com a chance que tem em «Nobreza Gaúcha», da Sacra Filmes, onde tem um dos principais papéis, ao lado de Maria Fernanda e Emílio Castelar.

★

... Carlos Alberto, o galã de «O Craque» e de «Rua sem Sol», pode ser chamado de agora em diante de «o rei da modéstia». Caso raro — talvez virgem — na história do cinema brasileiro, êle se nega a falar à imprensa, alegando que ainda é um desconhecido e, por conseguinte, não interessa a ninguém o que se possa escrever a seu respeito. Acha que a melhor publicidade que um artista pode ter é pelo seu trabalho, desde que êste agrade. Está muito errado o Carlos. Êle precisa compreender que uma publicidadezinha sempre ajuda, por mais valor que um artista tenha, pois nesse caso, os que já atingiram o ponto culminante de sua carreira nem se dignariam a receber a imprensa, o que não acontece em nenhuma parte do mundo. Joan Crawford, Bette Davis, Laurence Olivier, Clark Gable, Danny Kaye, para citar alguns grandes cartazes, até hoje falam aos jornalistas com um sorriso de satisfação (sincero ou não) nos lábios. Por outro lado, nos Estados Unidos, onde o valor da publicidade é altamente reconhecido, vemos a elaboração de tremendas campanhas para lançamento de artistas novos, os quais, ao serem apresentados num filme, já são tão conhecidos que o público os aprova incondicionalmente, sem prestar muita atenção aos seus reais merecimentos. Veja-se o caso de Marilyn Monroe, que até hoje não nos apresentou nada que justificasse a grande fama de que veiu precedida, além de um rosto bonito e uma plástica admirável, fatôres êsses que não constituem grande novidade em uma beldade de Hollywood.

★

«Carnaval em Caxias» promete ser o maior «tiro» de bilheteria dos últimos tempos, principalmente se levarmos em



Carlos Thyré, além de ser o diretor de «Luz Apagada», da Vera Cruz, aparece como ator numa cena dessa película, conforme mostra o clichê.









Mais uma vez apresentamos as primeiras cenas de «Nobreza Gaúcha», da Sacra Filmes, agora com Maria Fernanda no papel que havia sido iniciado por Patrícia Lacerda. Nas fotos da esquerda, vemos Sílvio Vieira, Maria Fernanda, Jesus Ruas e Jece Valadão e nas da direita, a encantadora Maria Fernanda fazendo de conta que toma chimarrão, e Jece Valadão, com ela e Emílio Castelar, forma o triângulo amoroso do filme.

conta os elementos de sucesso com que conta. Nada menos de cinco pessoas que colaboram na película estão entre os premiados êste ano como os «melhores», a saber: Dóris Monteiro, a melhor atriz, José Lewgoy, melhor ator, Paulo Wanderlei, melhor diretor, Jorge Illeli, melhor produtor e Alex Viany, melhor autor de argumento, respectivamente por «Agulha no Palheiro», «Amei um bicheiro», os três seguintes, e «Agulha no Palheiro» o último. Como se não fôsse bastante, ainda se trata de um filme de Carnaval e Lewgoy faz um êmulo de Tenório Cavalcânti. Com tudo isso, não é necessário nem o céu para o dinheiro jorrar nas bilheterias quando fôr apresentado entre nós.

★

... Bibi Ferreira anda querendo dirigir filmes, o que não seria nada mau, dada a sua comprovada capacidade para dirigir espetáculos teatrais. Talvez, mesmo, com uma representante do sexo feminino à testa de uma película, vejamos um pouco de sentimento e de subtileza nos nossos filmes, o que nunca acontece. Vamos torcer para que a encantadora Bibi se torne, num futuro breve, a Ida Lupino do cinema nacional!

★

... no churrasco oferecido pela comissão de festejos do Festival de Cinema a Marly Sorel, nos estúdios da Flama, notava-se a um canto do jardim um jovem par cujo enlêvo ninguém ousava interromper. Já adivinharam de quem se tratava? Ora... Miriam Tereza e Adriano Reis!...



"O GUARDA-ROUPA NÃO FAZ A ARTISTA!"

E quem o afirma é uma autoridade no assunto, como Jane Wyman, já agraciada pela Academia de Hollywood com o título de "a melhor atriz do ano". Por outro lado, Miss Wyman confessa que sente prazer em se mostrar bonita e glamorosa uma vez ou outra. Não fôsse ela mulher!...

Jane Wyman seria a última mulher no mundo a dizer que um guarda-roupa luxuoso é o responsável pelo sucesso de uma «estrêla», pois aquêle «Oscar» de ouro que guarda em casa com tanto carinho e orgulho foi obtido justamente pelo seu patético trabalho em «Belinda», onde, interpretando à perfeição a infeliz surda-e-muda, apresentava-se pobremente vestida, quase em andrajos. Já em «The Yearling», pouco antes, aparecera igualmente desglamorizada como a mãe do pequeno montanhês, que era interpretado por Claude Jarman Jr., e nem por isso deixou de ser uma das cinco candidatas ao prêmio máximo da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood naquele ano.

Por outro lado, Jane não desgosta totalmente de aparecer uma vez ou outra numa comédia elegante, onde tem oportunidade de se mostrar envôlta em sêdas, peles e jóias, como acontece em «À meia-noite do amor», tecnicolorido da Columbia, cujo título original é «Let's do it again». Contracenando com Ray Milland e Aldo Ray, Miss Wyman interpreta uma famosa cantora da Broadway que se retira da carreira artística depois de seu casamento romântico com Ray Milland, continuando a encantar a todos fora do palco.

Não é, absolutamente, a primeira vez que Jane se apresenta rodeada de luxo e «glamour», pois tal aconteceu em seus dois últimos filmes ao lado de Bing Crosby, no entanto, agora, nada menos de dezoito «toilettes» foram especialmente desenhadas para ela pelo desenhista do estúdio, Jean Louis.

«Não acho «necessário» a uma atriz vestir-se bem», diz a encantadora «estrêla», «mas desde que fiz dois musicais com Bing Crosby, tomei um certo gôsto pelo guarda-roupa de luxo. Sei que os grandes papéis, os que nos dão um «Oscar», geralmente são aquêles em que nos mostramos mal vestidas, mas se podemos, de vez em quando, nos vestir elegantemente e interpretar ao mesmo tempo um bom papel, por que nos haveremos de negar êsse prazer? Não se pode esperar um prêmio todos os anos!...»

Algumas das canções que Jane interpreta em «A meia-noite do amor» tornaram-se autênticos sucessos nas paradas musicais norte-americanas, como por exemplo, «Zing a little Zong» e «In the cool, cool, cool of the evening». E ela sente um prazer ainda maior com o êxito obtido, porque, como Bing Crosby, jamais aprendeu música, cantando-as de ouvido.

«A primeira vez que fui colocada numa música, fiquei realmente apavorada! Depois, descobri que Bing não lê uma nota e êsse fato encorajou-me bastante; o grande cantor aprendia suas canções de ouvido e era aquêle sucesso! Cheguei à conclusão de que conhecer música não era assim uma coisa tão necessária, e perdi completamente o mêdo.»

Parece que êsse desconhecimento total das notas musicais terminará dentro em breve, pois durante as filmagens, Jane se casou com o compositor e dirigente de orquestra, Fred Karger, supervisor da parte musical da película. Resta saber se a garôta se decidirá a aprender, pois já ficou cabalmente provado que «necessário» não é, já que seus discos estão tendo desusada procura nos Estados Unidos, mesmo sem Jane ter a menor idéia do que seja um «dó», um «ré» ou um «mi»...



Parece incrível que esta bela criatura seja a mesma que nos comoveu em «Belinda», com sua simplicidade e candura de menina surda e muda criada numa fazenda! Ao lado, Jane num intervalo de filmagem, ao lado de Ray Milland e do diretor Alexander Hall.



Hollywood em cena

As duas espôsas de José Ferrer...



Durante a filmagem de «Um comêço de vida», da Paramount, José Ferrer recebia constantemente não só a visita da espôsa, Phyllis Hill, como da loura e interessante Rosemary Clooney. Resultado: pouco depois, divorciava-se da 1ª e se casava com a segunda...

A Twentieth-Century Fox acaba de descobrir um novo processo que torna possivel reduzir um filme feito em Cinemascope a proporções normais, sem prejuizo algum para a projeção. Se bem que aquêle estúdio não pretenda fazer uso da descoberta no momento, colocou-se à disposição de qualquer outro que esteja interessado, o que não deixa de constituir um bonito gesto.



Uma Associação Óptica de Los Angeles promoveu uma campanha destinada a provar que os homens não deixam de se interessar pelas pequenas que usam óculos, por êsse simples motivo. Sabem quem a Associação conseguiu para posar de óculos,

a fim de mostrar que êles não impedem uma garôta de ser glamorosa? Marilyn Monroe!... Também assim...

★

Carmen Miranda, durante recente turnê pelos diversos Estados norte-americanos, onde se exibiu em "night-clubs" e estações de televisão, cansou-se de tal maneira que sofreu um esgotamento nervoso, tendo de ser recolhida a uma casa de saúde para se restabelecer. E ainda há quem diga que a "pequena notável" ganha rios de dinheiro sem o menor esfôrço!...

★

O diretor John Sturgess chegou à conclusão de que o público aprova cem por cento os filmes de "far-west", desde que sejam feitos em base de superprodução, com elenco de categoria. Acha mesmo que o cinema necessita de maior número de artistas como John Wayne, Gary Cooper, James Stewart, Jeff Chandler, Robert Ryan, Burt Lancaster e William Holden, que, na sua opinião, são os melhores para êsse gênero de filmes.



Tony Curtis, Joanne Dru e Lyle Bettger divertem-se entre cenas de «Forbidden», que terminam no moment

O produtor Collier Young orgulha-se de ter produzido um filme de classe, como "O Bígamo", com artistas do calibre de Joan Fontaine, Ida Lupino, Edmund Gwenn e Edmond O'Brien, com a importância de cento e setenta e cinco mil dólares, excluindo-se, naturalmente, os salários de Joan como "estrêla" e de Ida como diretora; assegura-se que ambas perceberam cento e vinte e cinco mil cada, de maneira que o orçamento da película ainda está bem em conta: trezentos mil dólares...



Rita Hayworth terminou o musical intitulado «Chuva», com José Ferrer.

Aqui vemos Betty Hutton com suas duas filhas, Lindsay e Candy, que foram visitar a irriquieta mamã durante a filmagem de «Mais uma vez, perdão», da Paramount.



O que Hollywood produz no momento

PARAMOUNT

«WHITE CHRISTMAS»

Technicolor, produzido por Robert Emmet Dolan e dirigido por Michael Curtiz, com: Bing Crosby, Danny Kaye, Rosemary Clooney, Vera Ellen, Dean Jagger, Mary Wickers, Percy Helton, Robert Crosson, Pat Denise, Leighton Noble, Ann Whitfield, Herb Vigran, Nick Stewart.

«SABRINA FAIR»

Tela panorâmica — produtor-diretor, Billy Wilder. Elenco: Humphrey Bogart, Audrey Hepburn, William Holden, Walter Hampden, John Williams, Martha Hyer, Nella Walker, Francis X. Bushman, Joan Vohs, Rand Harper, Marcel Dalio.

«ABOUT MRS. LESLIE»

Produção de Hal Wallis e direção de Daniel Mann, com: Shirley Booth, Robert Ryan, Alex Nicol, Gale Page, Percy Helton, Maidie Norman, Ike Jones, Ellen Corby, Philip Ober, Joan Shawlee, Marla English.

«LEGEND OF THE INCA»

Colorido — tela panorâmica — produtor: Mel Epstein — diretor: Jerry Hopper. Elenco: Charlton Heston, Nicole Maurey, Robert Young, Thomas Mitchell, Yma Sumac, Glenda Farrell, Geraldine Hall.

«LIVING IT UP»

Em côres — tela panorâmica — produzido por Paul Jones e dirigido por Norman Taurog, com: Dean Martin, Jerry Lewis, Janet Leigh, Edward Arnold, Fred Clark, Sheree North, Walter Baldwin.

REPUBLIC

«JOHNNY GUITAR»

«Trucolor», produzido e dirigido por Nick Ray, com: Joan Crawford, Sterling Hayden, Mercedes McCambridge, Scott Brady, Ward Bond, Ben Cooper, John Carradine, Ernest Borgine, Royal Dano, Frank Ferguson.

«THE OUTCAST»

Produtor - diretor: William A. Seiter. Elenco: Dorothy McGuire, Stephen McNally, John Howard, Mary Murphy, Ron Hagerthy, Edgar Buchanan.

UNIVERSAL-INTERNATIONAL

«JOHNNY DARK»

Technicolor — tela panorâmica — produzido por William Alland e dirigido por George Sherman, com: Tony Curtiss, Piper Laurie, Don Taylor, Paul Kelly, Ilka Chase, Sidney Blackmer, Ruth Hampton, Joe Sawyer, Russell Johnson, Robert Nichols, Pierre Watkin.

«BLACK LAGOON»

3-D — produzido por William Alland e dirigido por Jack Arnold, com: Richard Carlson, Julia Adams, Richard Denning, Antonio Moreno, Whit Bissell, Nestor Paiva.

«DRUMS ACROSS THE RIVER»

Technicolor — tela panorâmica — produzido por Melville Tucker e dirigido por Nathan Juran, com: Audie Murphy, Lyle Bettger, Walter Brennan, Lisa Gaye, Hugh O'Brien, Morris Ankrum, Mara Corday, Bob Steele, Lane Bradford, Emile Meyer, Jay Silverheels, Gregg Barton, Regis Toomey.

«TANGANYIKA»

Technicolor — tela panorâmica — produzido por Albert J. Cohen e dirigido por Andre de Toth, com: Van Heflin, Ruth Roman, Howard Duff, Joe Commodore, Noreen Corcoran, Gregory Marshall, Murray Alper.

«ECHO CANYON»

Technicolor — tela panorâmica — produzido por John W. Rogers e dirigido por Jesse Hibs, com: Joel McCrea, Mari Blanchard, Chill Wills.

WARNER BROTHERS

«MURDERS IN THE RUE MORGUE»

3-D, Warnercolor, produzido por Henry Blanke e dirigido por Roy Del Ruth, com: Karl Malden, Claude Dauphin, Patricia Medina, Steve Forrest, Allyn McLerie.

«THEM!»

3-D, Warnercolor, produzido por David Weisbart e dirigido por Gordon Douglas, com: Edmund Gwenn, James Whitmore, James Arness, Joan Weldon, Booth Colman.

«A STAR IS BORN»

Produzido por Sid Luft e dirigido por George Cukor, com: Judy Garland, James Mason, Jack Carson, Charles Bickford, Jack Pepper.

INDEPENDENTES

«AMERICANO»

Em côres — tela panorâmica — produzido por Robert Stillman e dirigido por Budd Boetticher para a «Moulin Prods.», com: Glenn Ford, Arthur Kennedy, Sara Montiel, Cesar Romero. (Produção suspensa, depois de 49 dias de filmagem).

«BRONCO APACHE»

Technicolor — tela panorâmica — produzido por Harold Hecht e dirigido por Robert Aldrich, para «Hecht - Lancaster Prods.», com: Burt Lancaster, Jean Peters, John McIntire, Monte Blue, Charles Buchinski, Walter Sande, Paul Guilfoyle, Phil Van Zandt, Morris Ankrum, David Hoffman, John Dehner, Frank Ferguson, Johnny McGough.

«THE LONG WAIT»

Tela panorâmica — produzido por Lesser Soburn e dirigido por Victor Saville, para «Parklane Prods», com: Anthony Quinn, Charles Coburn.

EM FILMAGEM NO EXTERIOR

«DUEL IN THE JUNGLE»

Technicolor — tela panorâmica — em Londres. Produção de Marcel Hellman e Tony Owen para «Moulin Prods.», dirigida por George Marshall, com: Dana Andrews, Jeanne Crain, David Farrar.

«THE BLACK KNIGHT»

Technicolor — em Londres. Produção de Irving Allen e A. R. Broccoli e direção de Tay Garnett, para «Warwick Prods.», distribuição Columbia, com: Alan Ladd, Patricia Medina, Peter Cushing, Andre Morell, Laurence Naismith, Patrick Troughton, Bill Brandon.

«THE GHOST OF O'LEARY»

Technicolor — em Londres. Produção e direção de Mario Zampi, para «Allied Artists-Associated British Pictures», com: Yvonne de Carlo, Barry Fitzgerald, David Niven.

«THE TRUE AND THE BRAVE»

Technicolor, tela panorâmica, em Londres. Produção e direção de Gottfried Reinhardt, para a METRO GOLDWYN MAYER, com: Clark Gable, Lana Turner, Victor Mature.

«THE GOOD DIE YOUNG»

Direção e produção de Lewis Gilbert para «Romulus Filmes», em Londres, com: Laurence Harvey, Gloria Grahame, Richard Basehart, Joan Collins, John Ireland, Rene Ray, Stanley Baker, Robert Morley, Margaret Leighton, Freda Jackson.

cine-novela



NO ENTARDECER DA VIDA

(FOREVER FEMALE)

11470-100

no entardecer da vida



Eddie, o agente de Stanley, adotara atitudes importantes depois do sucesso da peça.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Beatrice Page, famosa «estrêla» da Broadway, e seu ex-marido, Harry Phillips, interessam-se por uma peça de Stanley Krown e fazem com que êle modifique o papel principal, que era o de uma garôta de 19 anos, para o de uma mulher de vinte e nove, para que Bea o interprete, apesar de já ser uma quarentona. Clara, uma pequena que vive trocando de nomes para tentar se lançar no teatro, deseja ardentemente o papel, mas ninguém lhe dá ouvidos.

Bea estréia na peça e a mesma fracassa ruidosamente. Resolve ela passar o verão na Europa, para se consolar, e diz a Stanley que na volta se casarão. Entrementes, êle deve reescrever a peça tôda, para nova tentativa.

UMA recepção foi dada no apartamento de Bea para anunciar o casamento. Cheguei a Nova York justamente quando a festa ia em meio. Uma multidão de fotógrafos divertia-se fotografando as diferentes personalidades presentes, mas Bea conseguiu despistá-los e levou-me à cozinha. Ela queria saber o que eu achava de tudo aquilo que estava acontecendo entre ela e Stanley. — «Você já representou muitas comédias para saber quando uma coisa é engraçada», disse-lhe. «Como pode você levar a tal ponto uma situação infantil e grotesca como... o que é isto?!» Enquanto caminhava de um lado para outro, esbarrei num saco de havia no caminho. «Cebolas da Bermuda», respondeu ela. «As mais recentes cebolas da Bermuda. Uma espécie de presente de despedida de Stanley.» «Porque você há de se casar com êle, Bea?» — perguntei.

— «Não sei... Talvez esteja ficando amedrontada. Todo mundo tem seus momentos de solidão e mêdo. Comigo, isso acontece geralmente às cinco da manhã. Sei disso, porque sempre consulto meu relógio.» Ela deu um sorriso ligeiramente amargo ao terminar a frase. — «Talvez tudo isto seja uma loucura minha, mas sinto que preciso de Stanley. Êle me faz sentir feliz. Você não deseja me ver feliz, Harry?»

Naturalmente que eu desejava vê-la feliz. Mas queria que ela estivesse segura disso. Mas o que eu não podia compreender era o seu interêsse por uma pessoa como Stanley. «Pelo menos, me livrarei do pagamento de pensão...» murmurei. «Realmente», disse ela, «você ficará livre disso. Mas não se esqueça de que ainda me deve alguns atrasados.» «O que?» gritei. «Você não vai cancelar os pagamentos atrasados? Mas se vai se casar!...»

Bea apertou os lábios raivosamente. «Não vejo relação alguma entre o meu casamento e o dinheiro que você me deve.»

«Depois de tudo o que fomos um para o outro! Falar em dinheiro numa hora destas, ainda mais depois de eu ter trazido êste colar maravilhoso para você, Bea!»

«Colar maravilhoso?! Nem ao menos é de ouro!» disse ela exasperada, enquanto pegava o colar e metia dentro do meu bôlso.

Eu conhecia muito bem o temperamento de Bea, mas isso não impediu que me tornasse também furioso. Gritei-lhe: «Retiro todos os beijos que te dei, todos os olhares apaixonados que te lancei e todos os bons pensamentos que tive a seu respeito, está entendendo? Pode me acionar pelo dinheiro, que recorrerei ao Supremo Tribunal!» Deixei-a estarrecida e me dirigi ao bar mais próximo.

★

Bea partira. Estávamos em pleno verão, quando Stanley descobriu que uma companhia em Maine estava encenando sua peça. Resolvemos tomar o carro de Bea e dar um pulo até lá para assisti-la. Talvez encontrássemos a atriz para o papel da mãe, já que Drucila ia regressar a Hollywood. Quando chegamos ao teatro, vimos um grande cartaz na porta com um retrato de Sally-Peggy-Claudia. Mas acontece que o nome que se lia já era outro: «Clara Mootz». Finalmente, a garôta conseguira a parte que ambicionava. E o que é mais ihteressante, sua «performance» foi notável! Cheguei a sugerir a Stanley que a contratasse para o papel, o que resultaria num grande sucesso para a peça. Conversávamos num «night-club», quando a pequena entrou com dois membros do elenco. Stanley imediatamente foi ao seu encontro. Ela pediu aos dois companheiros que tomassem uma mesa e foi dançar com Stanley.

«Porque agora Clara Mootz?», perguntou.

Por uma razão muito simples: era o seu verdadeiro nome, explicou ela, acrescentando que daí em diante usaria sòmente aquêle. Stanley não escondeu sua admiração pela sinceridade que ela imprimira à sua interpretação daquela noite. Ela se mostrava tão segura de si mesma, tão diferente daquela garôta estouvada que êle conhecera!

«Realmente, eu mudei», diz-lhe Clara. Antigamente, quando eu vivia querendo fazer todo mundo acreditar que eu era uma grande atriz, eu mesma não o acreditava muito. Agora eu sei que sou boa atriz. Não digo que seja grande, apenas boa. E essa descoberta produziu um efeito estranho em mim: transformei-me numa pessoa humilde, que tem consciência de não ser má.»

Clara recorda-lhe a noite em que no apartamento de Stanley sentiu que o olhava pela primeira vez. — «E' o que está acontecendo agora», diz, «você está-me vendo pela primeira vez agora. Pena que seja tarde demais: duas pessoas têm que se ver pela primeira vez ao mesmo tempo, ou tudo está errado.»

Stanley ficou pensativo. Logo depois, ofereceu-se para levá-la à sua mesa, e ela recusou. «O que há conosco, Sally?» perguntou êle.

«E porque, de repente me chamou de Sally?»

«Não sei bem; talvez porque você o usava quando a conheci. Talvez por ser o mais doce nome.»

«Agora é que você me diz isso!» Clara começava a perder o contrôle. «Você me chamou pelo nome errado! Você diz as coisas quando não deve! Para um escritor, você é... um tolo! Volte para seu amigo Harry Phillips. Seja feliz com Beatrice Page. Felicidades com sua peça. Felicidades com tudo!» A moça levanta-se e sai dali correndo.

★

Quando Stanley e eu regressávamos à cidade, disse-lhe que a mãe de Bea morava nas redondezas. Stanley estava surprêso, pois nunca mencionara a mãe. «Por que não vamos visitá-la?» perguntou-me, exatamente como eu esperava que o fizesse. Dali a instantes, parávamos o carro defronte a uma fazendola. Batemos e quem atendeu foi Ema, a criada de Bea.

«Ema!», exclamou Stanley. «Tomando conta da mãe de Miss Page enquanto ela está na Europa?»



Marjorie Rambeau, outrora uma «estrêla» famosa da Broadway, fêz questão de cumprimentar Clara pelo seu grande sucesso.



Harry se encolerizava tôdas as vêzes que Bea se referia ao pagamento das pensões atrasadas...

Intervim ràpidamente: «Ema, diga a «Mrs.» Page que desejamos vê-la.» Alguns momentos depois, Bea entrava na sala onde nos encontrávamos. Usava «blue jeans» e camisa masculina. Seus cabelos estavam em desalinho e seu rosto sujo de barro. Completamente diferente da atriz glamorosa da Broadway. Estivera trabalhando em cerâmica, seu passatempo predileto. Vendo-a daquela maneira, admirei-a ainda mais, mas ao mesmo tempo senti-me um pouco canalha pelo que havia feito. Stanley não podia acreditar no que via.

«Bea!» disse com dificuldade. «Você não pode estar aqui. Eu vi você tomar o avião para a Europa!»

«E' verdade, mas o que você não sabia é que saltei em Boston.»

«E aquela história de mãe?»

«Invenção do Harry para te trazer aqui.» Olhou-me friamente e voltou a se dirigir a Stanley: «Não tenho mãe há vinte anos. Sempre que digo que vou à Europa é para cá que venho, a fim de me esconder e descansar.»

Era muito simples: durante êsses períodos de férias, Bea vivia como qualquer ser humano, uma vida simples, sem «glamour», despida de todo e qualquer artifício exigido por sua profissão — e por sua vaidade. «Resumindo», diz ela a Stanley, «por dois deliciosos meses, eu posso aparentar a minha verdadeira idade.»

Stanley estava todo confuso com essas revelações. «Por que você não pode aparentar sua verdadeira idade o ano inteiro?»

«Ora, Stanley, você não pode pedir a uma atriz que desista de ter vinte e nove anos!... E' uma idade deliciosa!» termina Bea sorrindo.

«Por falar em vinte e nove», disse eu, «Stanley e eu vimos uma representação de «The Unhappy Holiday» ontem. Clara Mootz fêz o papel principal. E' a mesma pequena que já se chamou Claudia Souvaine, Peggy Pruitt, Sally qualquer coisa, etc.»

«Bea...», disse Stanley, ainda não refeito do choque, «o que não posso compreender é porque você apareceu para mim. Afinal de contas, não havia necessidade de eu saber!»

Beatrice acendeu um cigarro vagarosamente. «Realmente, você não precisava saber. Mas durante todo o verão, sentei-me aí fora no terraço e pensei muito sôbre você e eu. Cheguei à conclusão de que passamos uns momentos deliciosos juntos, Stanley, e apesar de tôdas as qualidades que reconheço em você, descobri que não é pròpriamente amor que existe entre nós.»

«Diga-me uma coisa, Bea», perguntou Stanley, «você fêz o papel de empregada na peça «The Forgotten Light», muitos anos atrás?»

«Sim, com outro nome. Eu também já usei muitos nomes, mas... nenhum tão feio como «Mootz»!»...

Não restava mais nada a Stanley para fazer senão retirar-se. Foi o que êle fêz. Dei-lhe as chaves do carro e disse-lhe que voltasse para a cidade.

Quando voltei, Bea estava deitada no sofá e chorava um pouco. Assim mesmo, fiquei sabendo que fôra ela quem escrevera ao agente para dar a peça «The Unhappy Holiday» àquela companhia porque, desde o tremendo fracasso da mesma em Washington, ela sentira que nós dois éramos culpados por êsse fracasso, já que havíamos feito Stanley modificá-la; soube também que ela assistira à peça noites atrás e achara-a maravilhosa, principalmente pela interpretação de Clara, o que a fizera decidir-se a produzir o original na Broadway com Clara no papel principal.

Eu estava radiante! Bea era uma criatura verdadeiramente notável, a melhor de todos nós. E de repente, uma idéia estupenda tomou conta de mim: e se Bea interpretasse a mãe na peça?...

Procurei convencê-la disso. «Imagine, Bea, o que todo mundo diria: «Que coragem! Beatrice Page interpretando uma personagem de cinqüenta anos! E ela está longe dessa idade!» Bea, acredite-me, você é a única mulher nos Estados Unidos inteiro, capaz de interpretar com sucesso essa parte!»

«Eu sei», disse Beatrice com orgulho, «mas Harry, a filha na peça tem dezenove ou vinte anos, não é verdade? E porque a mãe tem de ter cinqüenta anos? Porque razão não pode ela ter, digamos, «trinta e nove?»...

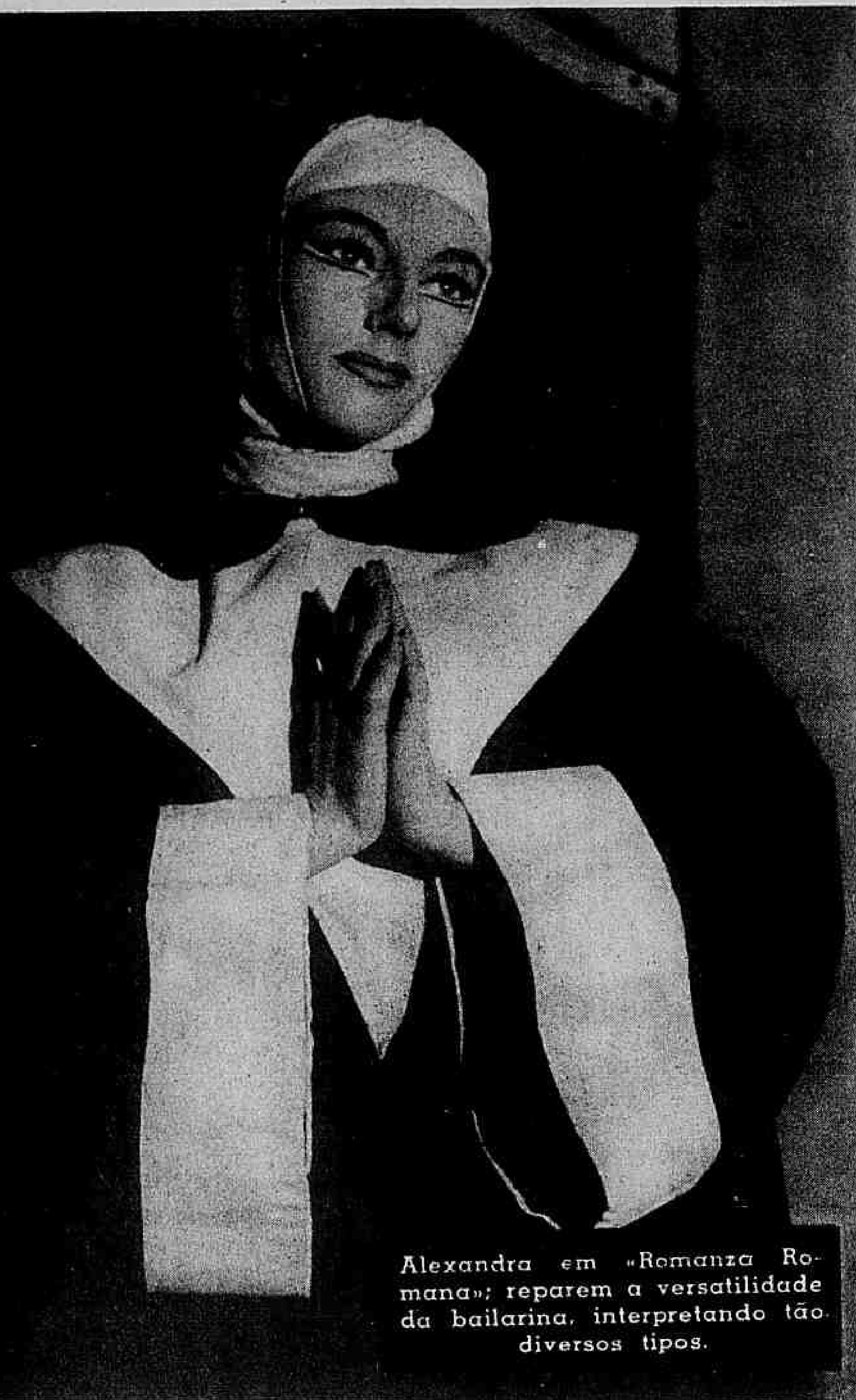
★

«The Unhappy Holiday» estréia. Sucesso absoluto! Aliás, para Bea e para mim não foi novidade alguma, pois tínhamos confiança bastante no autor, Stanley e na «estrelinha» que arcava com o principal papel, Clara. Como de costume, tôda gente «bem» dirigiu-se ao «Sardi's» e quando lá chegamos, o jovem casal já estava e recebia cumprimentos efusivos. Bea e eu ficamos durante algum tempo à porta observando a felicidade que os dois deixavam transparecer no olhar e no sorriso. Marjorie Rambeau, outrora famosa «estrêla» da Broadway, fêz também questão de apertar-lhe a mão.

(Continua na página 34)

TEATRO

J. FOMM


Alexandra em «Romanza Romana»; reparem a versatilidade da bailarina, interpretando tão diversos tipos.


Uma cena de «Revanche», onde Alexandra interpreta o menino Di Luna.

É conhecida a seriedade com que essa bailarina encara os menores detalhes de um bailado e êsses fatos que narramos abaixo são verdadeiros.

Cyril Beaumont é um dos críticos inglêses de «ballet» mais importantes, mas também mais conservador e exigente. Quando o «Champs Elysées» estêve em Londres da última vez, Beaumont escreveu longa apreciação da companhia e da temporada. Nesse estudo êle censurava Richer a respeito de alguma coisa. No dia da publicação dessa crítica, Richer foi logo procurar Beaumont na livraria dêle, perto do Leicester Square, para discutir o assunto. Ficaram horas no escritório, consultando livros, tratados de dança, etc., ponderando o passado, o presente e o futuro da dança, a fim de resolver o problema da melhor maneira. Richer voltou lá no dia seguinte e continuaram com as ponderações. Finalmente, chegaram a um acôrdo e, na representação seguinte de «Les Forains», Richer introduziu a modificação em que tinham, por fim, acordado. Tratava-se de leve alteração do penteado!

Outra vez, também durante «Les Forains», mas na Itália, Alexandra recebeu um sôco no nariz de um bailarino desajeitado. Começou a sangrar muito, mas em vez de disfarçar e abandonar o palco, ela continuou a dançar, regando o palco de sangue, enquanto seus colegas aterrados a observavam dos bastidores. O público nada percebeu e aplaudiu muito, mas Alexandra não pôde ir agradecer, tal o seu estado.

"BALLET"

As temporadas de «ballet» que habitualmente são apresentadas no Casino d'Enghien passam despercebidas no mundo da dança, pois nunca merecem grande destaque. A última, entretanto, foi sensacional, tendo a bailarina Alexandra Richer recebido os maiores aplausos da crítica e público. Dançou «Sérenade», «Le Menuet», «La Feria» (onde interpretou maravilhosamente um mendigo) e outros bailados.

Alexandra foi um dos primeiros elementos do «Champs Elysées», permanecendo até a sua extinção. Ali foi ajudante de coreógrafo e ensaiadora, além de primeira bailarina «demi-caractère», como Leslie Caron, Nathalie Phillipart e a hoje famosa «estrêla» de cinema Cécile Aubry, que passaram pelo famoso conjunto. Após a sua extinção, Alexandra dançou em vários galas com Babillé e sua espôsa. Atualmente está na «Comédie Française». Sôbre Richer, escreveu o famoso crítico John Hall: «She has the gift of pathos — one of the favours bestowed by the gods».

GRAU DEZ

A Mara Rúbia pelo seu sucesso indiscutìvelmente enorme no teatro de comédias, ao lado de Silveira Sampaio em «O Diabo em Quatro Corpos».



GRAU ZERO

A Cacilda Becker que por uma diferença pessoal com Tônia Carrero ameaçou abandonar o elenco do T.B.C. pelo fato de Tônia ir estrelar «La Petite Hutte», de Roussin, naquele teatro. Cacilda é evidentemente a «estrêla» daquele conjunto, mas encontra-se no momento filmando na Vera Cruz.



ROTEIRO DA NOITE

RÉGINE QUER TRABALHAR EM "BOITES"

UMA das figuras mais interessantes do elenco de Walter Pinto é Régine Nacer, a francesa que exibe maravilhosa plástica no palco. À primeira impressão, julgamo-la apenas um lindo modêlo; na revista figurou apenas como ornamento, cantando um pequeno trecho de uma canção; e pensa-se que não tem outras aptidões. Em São Paulo fomos encontrar no Odeon a artista e ficamos surprêsos com sua prosa. Elegante, discreta e um tanto «blagueuse», Régine vai narrando fatos e coisas de Paris. Ela não tem um lindo rosto, mas possui «charme» e uma simpatia irresistível. Mostrou-se insatisfeita com sua atuação na revista.

«— Quando fui contratada em Paris, julguei que fôsse para atuar e não sòmente exibir o corpo. Lá fazia números de danças estilizadas, que sempre agradaram ao público, além de cantar. Aqui a censura não permite que se dance com o busto descoberto. Não reclamo o contrato na base pecuniária, mas sim na parte artística, pois muito me aborrece não fazer um número bom.»

«— E que acha você da nossa platéia?» — indagamos.

«— Já é a segunda vez que venho no Brasil. Gostaria que o brasileiro tivesse o coração do europeu e êste o entusiasmo do brasileiro...»

«— Já recebeu alguma proposta para atuar em «boites?»

«— Sim, algumas. Mas acontece que meu contrato com Walter Pinto não permite que tome outros compromissos sem consultá-lo. Estou envidando esforços para obter essa licença. Tão logo a consiga, trabalharei em uma «boite», onde, espero, possa fazer algo mais que exibir o corpo.»

Falando sôbre seus colegas de elenco, afirmou com um certo ar malicioso:

«— Dou-me às mil maravilhas com os homens. Já com as mulheres não é tanto assim...» E compreendemos muito bem.



Cena Radiofônica

EDEL NEY

EDSON LOPES SENTIU O DRAMA DAS "MÃOS CIGANAS"

Como já tivemos oportunidade de informar aos nossos leitores, em rápida entrevista que fizemos com o cantor EDSON LOPES, êste regressou, há pouco tempo, da Venezuela e México, onde estêve em bela "tournée", como um dos integrantes da Orquestra de Ari Barroso. E, sòmente agora, está voltando às suas atividades artísticas, entre nós.

Como era natural, quisemos saber os seus novos planos. E, a ocasião se nos apresentou, uma tarde, nos estúdios da Odeon, onde Edson gravara uma de nossas músicas, escritas de parceria com Hianto de Almeida, êsse jovem compositor que já tem o seu nome projetado no cenário da música popular brasileira.

De início, Edson Lopes nos informou que passou a acompanhar, com vivo interêsse, juntamente com os seus colegas, as resoluções e iniciativas tomadas com relação à Rádio Clube do Brasil, da qual era artista exclusivo. E daí, passou a participar de todos os movimentos e comitivas que têm sido organizados, com a finalidade de solucionar o caso da sua emissora, e cuja solução acertada, por parte do Govêrno, seria a entrega do respectivo canal aos empregados da referida Rádio, os quais inaugurariam, então, a Rádio Mundial, já elaborada.

Enquanto aguarda, Edson já entrou em entendimento com diversos empresários, e, no momento, estuda propostas de excursões pelo norte e outras partes do país, bem como, sonda a possibilidade de voltar; o mais breve possível, às revistas.

Afirmou-nos, outrossim, que gostaria imenso de fazer uma temporada numa rádio bandeirante.

Quanto às suas gravações, já levou à cêra duas novas músicas e o seu novo disco já deve estar a venda êsse mês. Edson Lopes deposita grandes esperanças nessa sua mais recente chapa, na qual gravou, numa face, o samba-canção "Mãos ciganas", de autoria de Hianto de Almeida e o autor destas linhas, e, na outra, a linda página de Baby de Oliveira, "Singela canção de Maria".

Tanto Edson Lopes e o maestro Ósvaldo Borba, assim como Felisberto Martins, diretor artístico da Odeon, foram unânimes em afirmar que essas duas músicas formam o melhor disco gravado, até hoje, pelo consagrado intérprete.

À propósito de "Mãos ciganas" vale à pena ressaltar (modéstia à parte, aliás) que êsse samba-canção já é um autêntico sucesso no meio radiofônico, tendo caído no agrado de diversos cantores, tanto assim que já existe promessa de regravação.



As lindas e ágeis mãos da bela BERTA ROSANOVA, primeira bailarina do Teatro Municipal, do Rio de Janeiro, inspiraram ao repórter-poeta, os versos de «Mãos Ciganas», que Hianto de Almeida musicou, e que EDSON LOPES gravou na Odeon.

Os gestos graciosos da bailarina Berta Rosanova encantaram ao cantor Edson Lopes, que sentiu através os mesmos, o drama descrito no samba-canção «Mãos Ciganas».



RONDA DOS PREFIXOS

«O Recruta 23», magnífica criação do impagável Aloísio Silva Araújo passou a se chamar, agora, «Mr. Jeckil, o Recruta» e transferiu-se para o exército norte-americano, narrando as suas aventuras, todos os domingos, às 19,30, do auditório da Tupi. Tememos, contudo, que, à exemplo do que aconteceu ao «23», «Mr. Jeckil» não contará muitas aventuras, embora contra a sua vontade...

★

Jorge Murad, o consagrado humorista da Nacional-Mayrink e que se encontra, atualmente, fazendo uma temporada na Nacional paulista, vem de publicar o seu 5º livro de anedotas, dando-lhe o sugestivo título de «huMURADas».

★

Está sendo aguardado, com ansiedade, o lançamento do programa «Carroussel infantil», dedicado à infância brasileira.

ONDA VAI, ONDA VEM...

Dóris Monteiro, ao que tudo indica, de tanto lhe arranjarem «noivos», pescou, realmente um; o Mário de Camargo que, aliás, está muito feliz...

A FADA BIBI FERREIRA





A «estrêla» que dança, canta, que faz rir e chorar, vem agora mostrar, de maneira tão brilhante, mais uma faceta de sua magistral carreira, o disco. Bibi gravou três discos, mas não foram canções. A querida «estrêla» conta histórias em disco, para a nossa petizada.

Alfredo Ribeiro, o poeta de tão fértil imaginação escreveu para que Bibi contasse para as nossas crianças, as histórias: **«A Fada do Futuro» — «O Castelo do Mágico Bom» — «O Ratinho Desobediente» — «O Papagaio Invejoso» e «O Gavião Ambicioso».**

"Querida Marlene..."

Selma M. Lima — Rua Fagundes Varela, 71, c-2, e Maria Isabel Antunes — Rua Fagundes Varela, 71, c-13.

... «porque você não se candidata ao título de «Rainha do Rádio», no próximo certame?»

«Meu bem, o meu trabalho atualmente é estafante. Como você sabe, minha temporada teatral irá prolongar-se até fevereiro, impedindo-me, portanto, até de pensar em concursos.»

... «Luís Delfino envia fotografias? Se eu escrevesse êle me responderia?»

«Envia, querida. E' só você escrever para a «Flama», rua das Laranjeiras, 291.»

★

Maria Eva de Souza — Rua Paranhos, 402, apt. 103, Ramos, Rio.

... «você poderia enviar-me o nome e enderêço daquele rapaz que fêz o papel de seu noivo no filme «Balança mas não cai»?

«Com todo o prazer! Tome nota: Herval Rossano —— Multifilmes — Rua Martin Francisco, 303, São Paulo.»

★

Maria José de Carvalho Ximenes — R. A., casa 6, Ramos, Rio.

... «de saber onde fica o Fã-Clube Marlene e o que é preciso para ser sócia.»

«Dirija-se à rua do Riachuelo, 91, 1º andar, e lá conseguirá tôdas as informações necessárias.»

★

Flausina Barbosa — Rua Padre João Crispa, 1.105. Campo Grande, Mato Grosso.

... «quando você virá à nossa cidade?»

«Irei com todo o prazer, assim que fôr solicitada.»

★

Gina — Rua Visconde do Rio Branco, 323. Campos, Estado do Rio.

... «O que você acha da voz de Nelson Gonçalves?»

«Ótima. Acredito mesmo que ninguém discordará da minha opinião.»

... «porque você não o convida para ir ao seu programa das quintas-feiras?»

«Assim que apareça uma oportunidade, irei convidar Nelson Gonçalves para cantar no meu programa.»

... «Porque vocês não cantam uma música juntos?»

«Vou pensar na sua sugestão com todo carinho.»



Marlene e Luís Delfino numa cena da engraçadíssima comédia «Angelina e o dentista».

Arair Nazareth Silva — S. Cristóvão — Rio.

... «se você fará mais alguma gravação antes do Carnaval.»

«Não. Meus próximos discos serão mesmo os de Carnaval.»

... «deveria gravar «Dois Amôres» e «Lenço do Chiquinho».

«Vou tratar disso.»

★

Maria Tereza M. Araújo — S. Cristóvão — Rio.

... «vai apresentar outra peça nesta temporada?»

«Vou, querida. Minha próxima estréia será no dia 3 de dezembro.»

★

Diva Maria Battistoni — Rua Alvaro Muller, 863. Campinas, São Paulo.

... «quando você virá a Campinas?»

«Já estive nessa terra encantadora, e voltarei assim que me fôr possível. E' sempre um prazer para mim rever lugares em que fui tão bem recebida.»

★

Norma — Carangola, E. de M. Gerais.

... «porque você não vem passar suas férias em Carangola?»

«Quem sou eu prá ter férias? Há três anos que não descanso!...»

★

Alice Pacheco — Rio.

... «sou apaixonada pelo Venilton Santos. Que linda voz!»

«Cuidado, menina! Não vá com tanta sêde à fonte... Quanto à voz, é realmente uma beleza.»

★

Clarisse Monteiro — Copacabana.

... «quando você irá regravar «Swing no morro».

«Meu amor, não há necessidade de regravar. Você desejando meu disco, solicite à fábrica Odeon nova remessa.»

ATENÇÃO, FÃS DE MARLENE! Sua favorita responderá, semanalmente, pelas páginas da CENA, às cartas que FOREM ENDEREÇADAS À RÁDIO NACIONAL. Portanto NÃO lhe escrevam para esta revista, mas podem procurar aqui as respostas, que as encontrarão.

PÁGINA DO Leitor

QUATRO ESPELHOS NO CINEMA

(Do leitor Raimundo Anunciação Costa, da Bahia)


Greta Garbo e John Gilbert, expoentes máximos da fase romântica

NESSE século torturado em que vivemos, o cinema constitui uma espécie de pausa indispensável aos momentos de lazer — enfrentando a tortura das filas para interessar-nos por problemas alheios, que poderão também ser os nossos, enfim, auguramos esquecer os dissabores quotidianos que se nos abalroam. Com os antigos, exceptuando-se os cata autógrafos mais frequentes, pouca diferença havia do corre-corre de agora, nos guichês. Não obstante, refletia-se apenas, uma visão de era: o romantismo.

Hoje, os que se ralam em catadupas para uma sessão de Cinerama, já não tem só uma visão de era, tem quatro espelhos a encarar, inexoràvelmente. E' mais um episódio que representamos no concernente a auscultação do "desconhecido" que pretendemos revolucioná-lo, desnudá-lo, abraçá-lo ou repudiá-lo. Nesse paradoxismo da vida é que ensaio os quatro expressionismos da história do cinema, da história da humanidade (porque o cine é o veículo social).

Fase romântica — Quem já não ouviu falar nos imortais: Valentino, John Gilbert, Greta Garbo, Norma Shearer, Gloria Swanson, astros de maior rutilância, tão bem aproveitados no ângulo dos "eternos namorados", "imprescindíveis vampes", em tão bons celulóides como jamais se apreciou semelhante poema de amor. Todos coroados como máximos do contemporanismo romântico. Todos dignos dos lauréis que açambarcaram e, que até hoje, o ranço de reprises, passa para trás muito rôlozinho pretensioso.

Fase estratégica — Pouco se me dá se a interpretação da época em que os filmes de tema guerreiros bateram recordes, seja mal vista por época estratégica — o que o coração sente é o que a bôca fala — e a Sétima Arte tratou de dar o seu grito contra a guerra, violento e necessário. Filmes tais, como: "Rosa de Esperança", "A Cruz de Lorena", "Ninguém volta atrás" e "A Ponte de Waterloo", assinalaram mais um compromisso que o cinema tem para com a evolução sistematizada da era.

Fase cósmica — Parece ser a mais interessante, consequentemente ao neo-realismo de após guerra. E, mais uma vez o cinema foi quem primeiro tornou em coqueluche a era interplanetária. Lançou os seus candidatos dentro de uma câmara de pressão, ou cabine de foguete com atmosfera sintética, e voaram em "Destino a Lua". Depois os magazines tomaram conta do assunto, e até já nos exortam para a consumação dos séculos daqui a 46 anos, segundo as previsões da Biblia de Nostradamus. Entrementes, enquanto profetas, advinhos e videntes têm tentado, há muitos séculos, penetrar nos segredos do porvir, a nova geração quer apressar a extraordinária tarefa de conquistar o espaço, sem saber que, melhor seria sonhar na Terra mesmo, olhando a Lua no cinema.

Fase Existencialista — "Donde vimos?", "Que somos?", "Para onde vamos?" A ciência esbarra aí. Mas o cinema contemporâneo, o audacioso, o irredutível, em síntese a maior fonte de informações, responde em parte as duas últimas interrogações. De acôrdo com seu quarto espelho, seu espelho existencialista, parece, já audaciamo-nos a sondar o próprio destino, "Tal vida, tal morte Jesus". Poderá o futuro ser desvendado? A forma de análise vem dominando há muito. Agora o enigma do futuro tende a obedecer a Sétima Arte.

Desde o lançamento de "Nesse mundo e no outro", "Jamais te esquecerei", "Pandora", e outros hollywoodianos (entendendo-se o lado honesto) que se nota aclarear-se o viver de um mundo de representação imaginativa. Por isso, êsse gênero de cinema será visto e compreendido de dois modos: um pelos adolescentes e idiotas, o outro, pelos espectadores experientes. A uns diverte e faz rir, aos outros faz sofrer e chorar.

Na verdade, porém, não estamos diante da boa chalaça, ou gôsto de escandalizar, mas de um "humor", isto é: uma visão estranha de realidade, uma alucinação sincera, tal como no "Coroa Negra", e no extraordinário "Orfeu", ambos de Jan Cocteau, numa luta para substituir a realidade visível pela realidade inconsciente do espírito e da memória.

Poderá o existencialismo de Cocteau ser compreendido? A elucidativa está construida no seu inesquecível "Orfeu", que não faz rir, mas sofrer, mas voltar o homem para o "Tal vida tal morte", mas enfrentar a arte como um espelho capaz de permitir uma visão através das aparências exteriores.

A estética cinematográfica culmina assim, a sua última expressão: Existencialismo — Impossível chegar-se ao máximo: Infinito. Faz voltar o homem para o espetáculo do próprio homem. E' o quarto espelho do cinema, e por certo, não abrirá alas ao quinto espelho: mistério — para não fugir da sapiência de um Shakespeare — O mundo inteiro é um palco e todos, homens e mulheres, só atores... ou, a culpa não é da nossa Estrêla, nós é que somos os culpados...

LUTO EM 5 MINUTOS
TINGE SAPATOS
TIC-TAC
TINGE BOLSAS
A' VENDA NOS ARMAZENS E CASAS DE FERRAGENS

VEJA e...
Adquira
VIDA DO CRACK
JÁ PUBLICOU
ALBUM RUBRO NEGRO Cr$ 50,00
VIDA do CRACK Cr$ 5,00
ALBUM DO CRACK Cr$ 40,00
ADEMIR
BIGUÁ
ZIZINHO
CASTILHO
SANTOS
PINGA
Proximamente:
Esquerdinha e Jorginho
À venda em tôdas as bancas de Jornais do Rio e dos Estados
REMETEMOS PELO REEMBÔLSO POSTAL
Pedidos à Editôra Brasilidade Ltda. — Rua da Quitanda, 59 - 2º and. — Caixa Postal 2 733 RIO

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

A TERCEIRA DIMENSÃO CHEGA AO BRASIL

Escreveu o leitor JOSÉ MARIA SOARES

Parece que finalmente teremos em nosso país a maravilha que está empolgando o mundo: a terceira dimensão, ou melhor, o cinema em relêvo.

Os jornais e revistas de cinema anunciam que até fins de novembro próximo dar-se-á, nesta cidade, a estréia da primeira película em 3-D. A notícia está causando grande sensação aos fãs da sétima arte, que, dia a dia, vão entrando em contato com os avanços da ciência na indústria cinematográfica, senão, vejamos:

Em 1928, surgiu a primeira novidade da ciência no cinema: o som. A inovação causou grande alarde em Hollywood, quando a Warner Bros. anunciou o lançamento de «O Cantor de Jazz», o primeiro filme sonoro que tinha o saudoso Al Johnson no papel principal.

Apesar do êxito espetacular, a inovação foi muito combatida, mas o certo é que, em pouco tempo, ganhou a preferência do público.

Depois de certo tempo, surgiu outra atração: o cinema em côres. Como o som, houve sucesso, oposição, etc. De fato, o primeiro filme colorido teve muitos erros na combinação de côres, mas com pouco tempo êsses erros não existiam. Muitos processos existem hoje, mas, segundo parece, o mais perfeito que apareceu até agora é o da sra. Natalie Kalmus, se não me engano, a pioneira do «technicolor» em Hollywood, ou talvez no mundo.

Com essas duas conquistas, o cinema caminhava vitorioso. Porém, com o advento da televisão, Hollywood sofreu um colapso; caíram as receitas, cinemas foram fechados, os estúdios diminuíram suas despesas, artistas foram dispensados, a produção diminuiu, enfim, os negócios iam mal. Seria o fim de Hollywood?



Eis que o cinema lança a sua nova arma, numa contra-ofensiva à televisão: a 3-D. E, hoje, os estúdios estão retomando suas atividades em grande escala, muitos filmes estão sendo rodados pelo novo processo, na Metro, Paramount, Universal, Warner, etc., etc.

Existem diversos processos da imagem em relêvo, como o Cinerama, Cinemascope, Natural Vision, etc. O primeiro dispensa óculos especiais, porém, a sua montagem é mais difícil, devido as suas grandes proporções em comparação com as salas de projeções atuais. Os demais processos, apenas o uso de óculos especiais se faz necessário e uma pequena alteração na tela. Não faz tempo, a Warner ofereceu a críticos e convidados, conforme os leitores viram através de um dos últimos números de A CENA, uma sessão com o seu primeiro filme em 3-D, pelo processo Natural Vision. Trata-se de «O Museu de Cêra» (House of Wax), com Vincent Price. As pessoas que o assistiram ficaram assombradas com êsse novo milagre da técnica cinematográfica moderna, que veio abrir novos caminhos para o cinema e conquistar mais uma vitória, juntamente com o som e a côr.

E nós, fãs, aguardamos a nossa vez de aplaudirmos e admirarmos esta coisa impossível que é o CINEMA EM RELÊVO.

NO ENTARDECER DA VIDA

(Continuação da pág. 27)

Bea voltou-se para mim e perguntou séria: «Diga-me, Harry, a garôta estava realmente sensacional?»

«Sim, não tão sensacional como a peça, e muito inferior a você.»

Bea sorriu tristemente: «Daqui há uns cinco anos ela será «melhor» que eu, tenho certeza!» Notando, agora, que o parzinho se sentava a uma mesa e se olhava embevecido, ela pergunta: «Êles se amam bastante, não?»

«Sim, mas eu não os invejo. Êles se casarão e passarão por tôdas as pequenas dificuldades — pequenas e grandes — que nós, por exemplo, já passamos. Nós, mais velhos, é que sabemos realmente amar e ser felizes!»

Bea concordou. «Sim, mas estão sendo necessários dois casamentos para nós nos aparcebermos disso.»

O apartamento de Bea parecia-nos um lugar muito mais apropriado que o «Sardi's» para trocarmos confidências e, assim, resolvemos chamar um táxi. Quando ajudava a entrar, Bea parou, olhou-me fixamente e perguntou:

«Harry, tem certeza de que não está se casando novamente comigo para se livrar do pagamento das pensões atrazadas que me deve?!...»

— F I M —



No próximo número

DIETRICH

— a fabulosa



A CENA MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

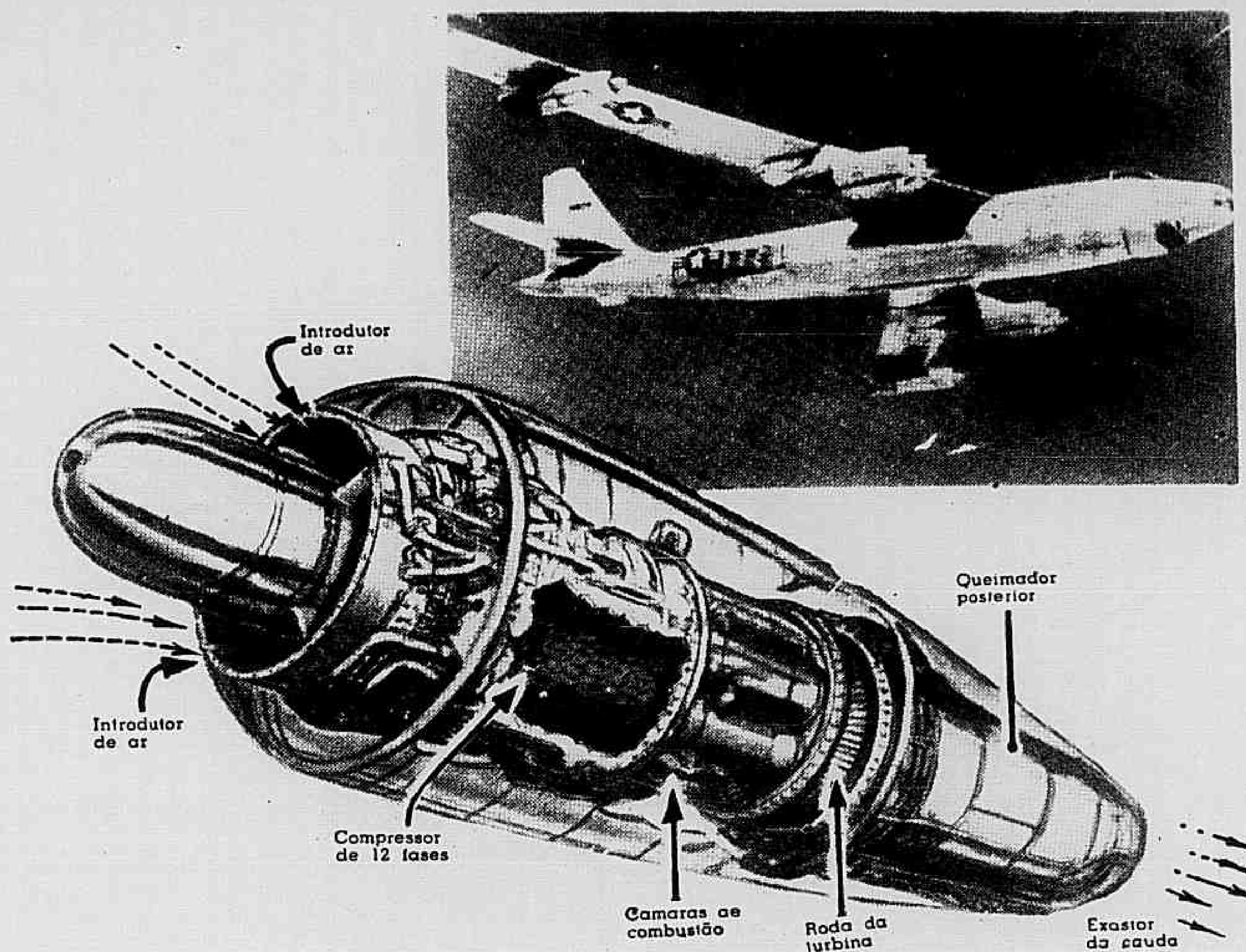
Endերêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SAO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino. R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.

PREÇOS

Numero avulso em todo o território nacional	Cr$	4,00
Número atrasado	Cr$	4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$	200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$	100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	180,00



ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1954

● Um manancial de leitura, contendo entre mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRÍCOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS: CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO. As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida. Que é moeda?

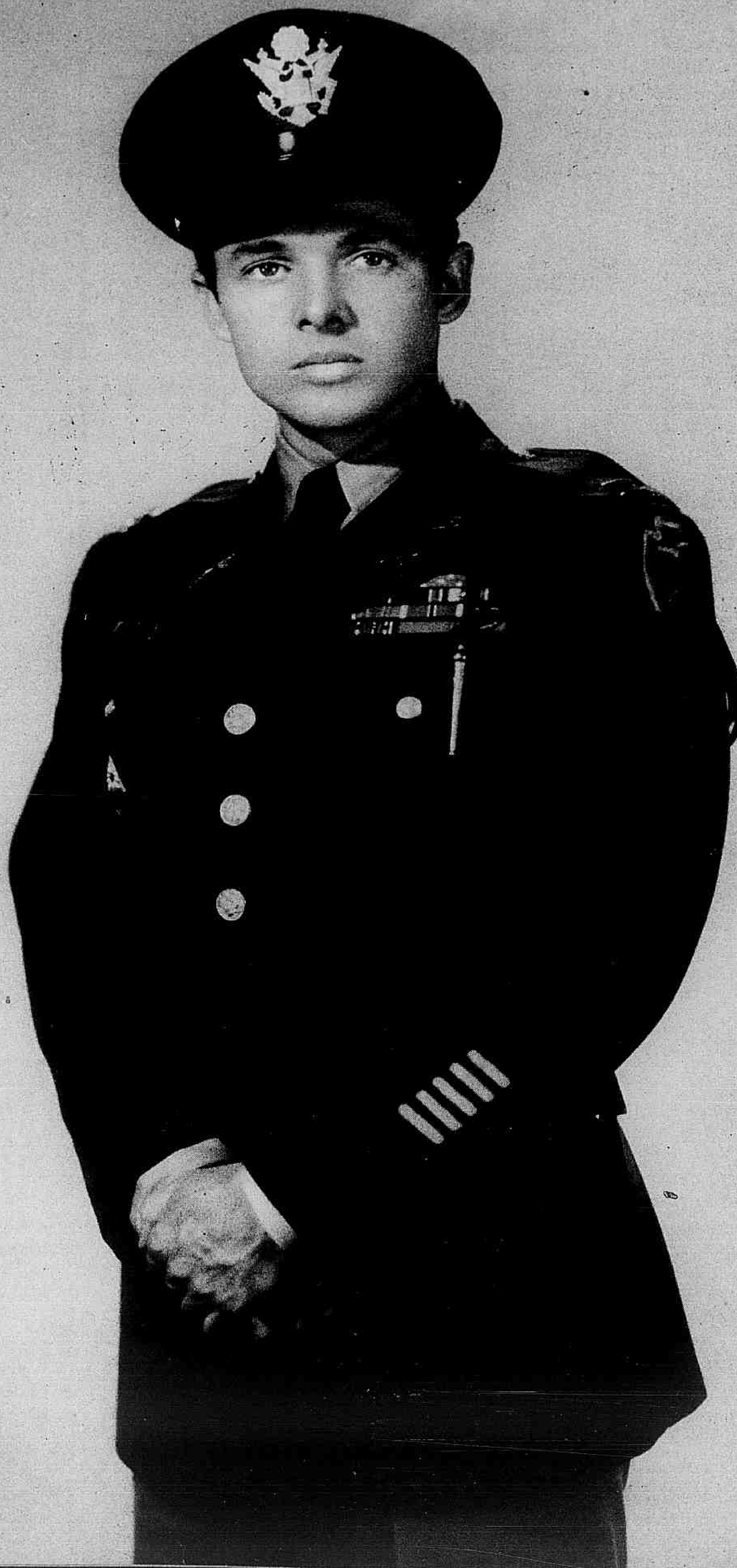
● Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECÂNICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc.

● MAL DE HERANÇA, um belíssimo romance.

● ÊLE CRESCERÁ, uma encantadora comédia, para ser representada.

O ALMANAQUE DEVERÁ ESTAR A VENDA NO PRINCÍPIO DE DEZEMBRO

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.



AUDIE MURPHY